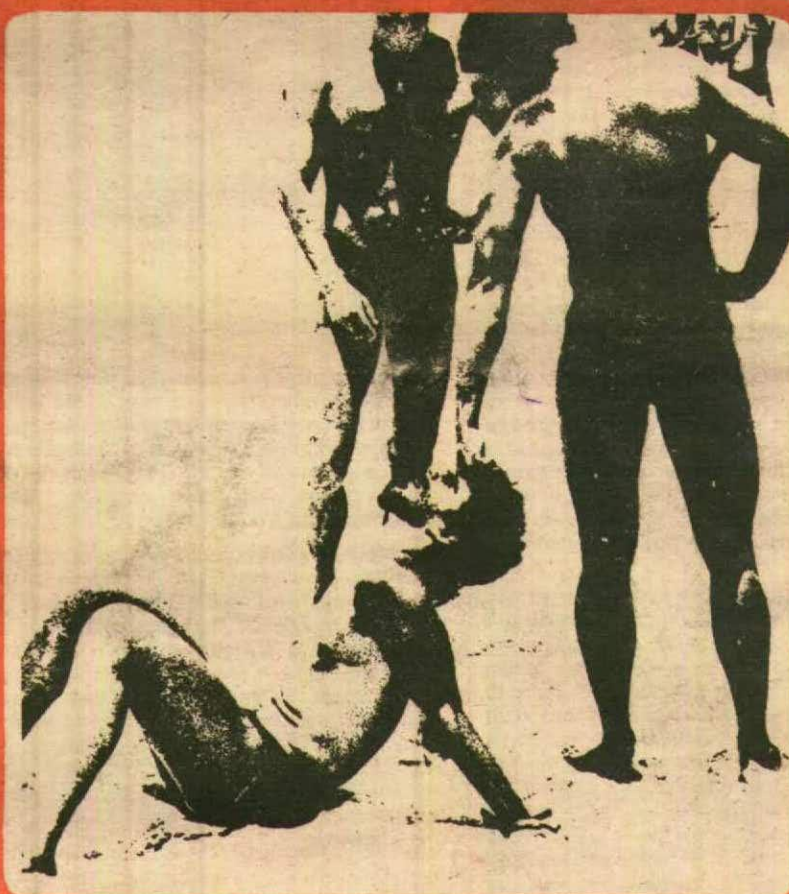
LAMPIÃO da esquina

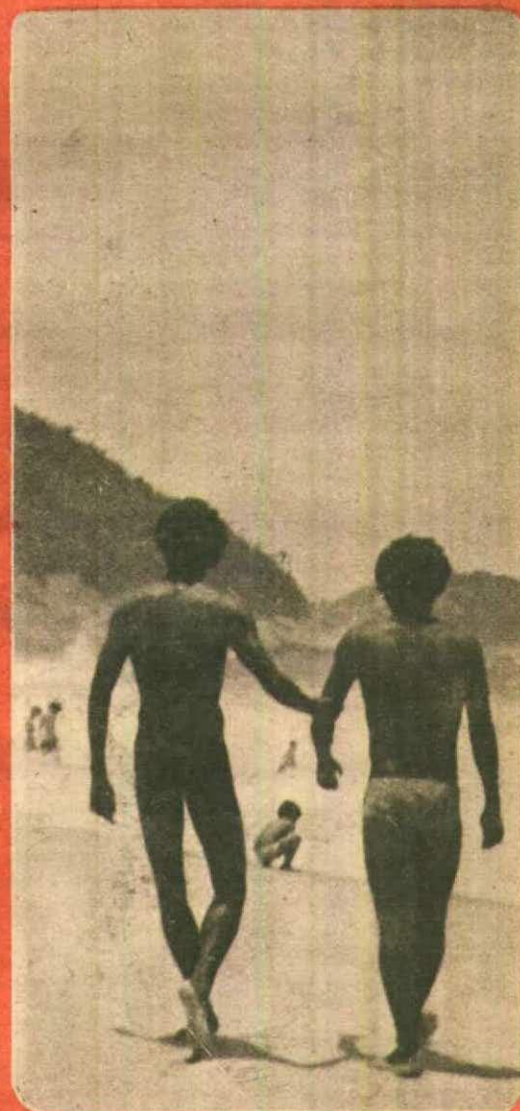
Ano 1 — No. 7 — Dezembro de 1978 — Cr$ 15,00

Leitura para maiores de 18 anos

Latinamérica: NA TERRA DOS HOMBRES, PAULADA NAS BONECAS!

as fotos do verão carioca

Bixórdia no Baile dos Enxutos

A mulher aranha (cruzes!)

Um artigo de LUTZEMBERGER

EMILIANO QUEIRÓS: "É comigo mesmo"

Darcy Penteado e Consuelo Leandro: um retrato sincero de Dener

LAMPIAO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, José Fernando Bastos, Regina Rito, Henrique Neiva, Leila Miccolis (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Matoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Beto Stodieck (Florianópolis); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz (Curitiba).

Correspondentes: Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armand de Fluviá (Barcelona).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte final: Gandhi Gama Neves e Edmílson Vieira da Costa

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço: Caixa Postal 41.031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203, Rio. **Distribuição,** Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição, 65/67. São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 180,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Shere Hite: machismo às avessas

Não se pode dizer que as feministas brasileiras que participaram do I Simpósio de Psicanálise, Grupos e Instituições, realizado no fim de outubro, no Rio, tenham ficado plenamente satisfeitas com o desempenho da colega Shere Hite — autora do famoso "Relatório Hite" sobre a sexualidade feminina banido das livrarias do país pela censura como obra obscena — nos quatro dias que ela passou entre nós. Para as pacatas brasileiras, Shere Hite foi muito agressiva, recusando-se até a dar entrevista para homens, "porque eles deturpam tudo o que a gente diz". Uma delas, que participou de um painel sobre "Instituições, Pesquisas e Sexualidade", chegou a cochichar depois que a norte-americana era "muito doente".

A rusga de Ms. Hite (chamá-la de Miss, senhorita, é ofensa grave; Ms é o único tratamento igualitário, não humilhante para as feministas de língua inglesa) com o nosso Peter Fry, aqui do LAMPIÃO, que participava do mesmo simpósio, foi o que mais escandalizou as brasileiras. Quando Peter passou a fazer críticas à organização do "Relatório", a furibunda autora começou a murmurar para as suas colegas, "Men should drop dead" (Os homens têm mais é que morrer), retirando-se antes do fim da explanação do orador. Nós, homens, também ficamos chocados com a atitude de Ms Hite, já que Peter, além de ser um pão, é um doce (qualidades bem difíceis de serem encontradas juntas, diga-se de passagem), e toda sua crítica ao livro foi feita em termos de debate alto.

Foi por essas e outras que a imprensa em geral e o pessoal interessado no Simpósio passou a não torcer para o time da socióloga que, apesar da aparência lânguida e de boneca, sabe ser violenta e rabugenta. Na verdade, ela nada fez para agradar, o que bastou para que lhe enfiassem a carapuça de radical, o que é evidentemente um defeito de visão nosso, acostumados que estamos a ver colocarem o carimbo de radical em todo aquele que não se porta direitinho. Fique portanto bem claro aqui que não critico a posição feminista de Shere Hite — guerra é guerra — e que este meu relato pretende ser, antes de tudo, uma visão bem humorada do comportamento da socióloga nos seus aparecimentos em público.

O dado mais engraçado foi o rancor com que ela encarou todos os infelizes membros do sexo masculino. Sempre que era apresentada a um homem, fosse ele colega de simpósio ou alguma celebridade em trânsito, Shere Hite fechava-se num mutismo absoluto. "Mas ela é tão bonitinha, por que faz isso?" perguntava sem parar um repórter basbaque, ao que um machista também da imprensa retrucou: "Bonitinha? Olha só as pernas dela, são mais cabeludas do que as de um jogador de futebol". A raiva dos jornalistas tinha uma razão: Ms Hite mandou avisar logo no início que, se queriam entrevistas, "mandem mulheres para falar comigo, e que tenham lido muito bem meu livro".

Essa foi a grande dificuldade da imprensa para realizar seu trabalho. Como a maioria das jornalistas cariocas é composta de gente muito jovem, foi uma façanha conseguir quem preenchesse os requisitos necessários para entrevistá-la, como domínio do inglês e perseverança para ter lido obra tão massuda e difícil de encontrar como o "Relatório Hite".

Assim mesmo, ao meio-dia de um domingo de muito sol e praia, conseguiu-se reunir um grupo de moças que, entre assustadas e eufóricas, tocaram para a pérgula do Copacabana Palace encabeçadas por Ms Hite. Foi através delas — uma estudante de psicologia de São Paulo, a quem investi com os poderes de imprensa pespegando-lhe no peito o crachá correspondente — que consegui alguns dados sobre a socióloga. A reunião parece ter sido das mais agradáveis e frutíferas e, segundo minha agente, passados os primeiros momentos de timidez e mau inglês, todas se divertiram e ficaram cativadas com as histórias e argumentos usados por Shere Hite na defesa de sua causa. Para os jornalistas, que espiavam de longe, aquela reunião de mulheres pareceu também das mais alegres e comunicativas, com muitas risadas e atropelos, todo mundo querendo fazer perguntas ao mesmo tempo. Quando o séquito finalmente empreendeu a marcha de volta, engrossado pela exótica atriz Ruth Escobar, sobravam na mesa 12 garrafas de água mineral e coca-cola vazias. Como num falanstério virtuoso e aguerrido, ninguém ousara fumar ou beber álcool.

Ms Hite começou sua luta pela vida trabalhando como garçonete (e poderia ser de outra forma nos Estados Unidos?). Depois de muito nhec-nhec lavando pratos e graças a seus atributos físicos, conseguiu galgar o segundo degrau clássico reservado à mulher norte-americana em busca da fama: foi ser modelo fotográfico. Nessa função, e com mais tempo livre, formou-se em socióloga. Lá como aqui, no entanto, os sociólogos têm poucas chances de bons empregos e Shere continuou trabalhando para agências de propaganda.

Quando a máquina Olivetti foi lançada nos States a nossa heroína descolou a oportunidade de apresentar o novo produto. Ela posava como secretária, escrevendo na Olivetti. Por baixo tinha a legenda: "Com esta máquina a secretária não precisa ser inteligente". Esta propaganda foi a responsável por uma das maiores passeatas feministas dos Estados Unidos. Açuladas por suas líderes, multidões de mulheres lançavam mais uma vez seu brado de guerra ao homem. Foi nessa altura dos acontecimentos que deu o estalo em Shere Hite. Ela estava sendo usada numa propaganda ignóbil, servindo de instrumento para uma sociedade machista oprimir ainda mais a mulher ao criar aquele retrato da secretária burrinha, que só serve para ser usada pelo patrão.

Shere então largou tudo e se juntou às hostes feministas. Como socióloga poderia ajudar a interpretar o fenômeno da dominação da mulher pelo homem e tentar encontrar uma saída para o problema. Seu livro é o resultado de uma pesquisa de quatro anos sobre a sexualidade feminina. O êxito da idéia reside no fato de ele ter interpretado o sexo feminino à luz do contexto histórico e cultural. Com o auxílio da Seção Novaiorquina da Organização Nacional de Mulheres, Shere Hite enviou questionários em 60 perguntas a milhares de mulheres de todas as idades, classes sociais er atividades dos Estados Unidos. As respostas foram cuidadosamente analisadas e dessa análise nasceu a teoria de que a mulher é prisioneira de sua própria vagina e que é no clitoris que reside a chave de sua felicidade sexual. O clitoris é o abre-te sésamo para um prazer esquecido pela subservência da mulher às imposições do macho. E é essa nova mulher, independente e não castrada, que Shere Hite vem procurando despertar em todas as companheiras que encontra, e foi por ela que veio ao Brasil.

"Acho isso tudo ótimo. Mas o que foi mais que ela disse", eu quis saber angustiado. "Bem, nós a convidamos para conhecer o Brasil, eu pedi que ela fosse a São Paulo, para falar na minha faculdade, onde temos cursos de educação sexual", respondeu-me minha interposta pessoa junto a Mr. Hite.

A feminista norte-americana, no entanto, não se mostrou nem um pouco interessada em "conhecer o Brasil". "Gostaria", teria dito, "de nestes poucos dias ter mais contatos com mulheres familiarizadas com meu trabalho." Embora não tenha jeito de obcecada, de sufragista, é esse o espírito que revela todo o tempo. A natureza do Rio, os banhistas passando para a praia, pareciam não existir. Mas o mais espantoso é que, de repente, teria suspirado: "O, home, home, sweet home!" ("Ai que saudade de casa!)

Ah, então ela é casada e está querendo voltar para os filhos e o marido matutei. Foi nessa hora que minha agente virou bicho: "Que é isso, rapaz? A Shere está por fora dessas bobagens e detesta qualquer idéia de filho. Ela simplesmente está cansada e com vontade de voltar pra casa. Não pode?"

"Desculpe, mas por que esse ódio de criança? Vocês não vão querer matar todas as crianças do reino, como Herodes, vão?" A ironia, o tom superior, o sorriso nos lábios fechados, fizeram com que eu me encolhesse um pouco. "Quem sabe? Talvez o nosso problema seja exatamente igual ao de Herodes, matar todas as crianças de sexo masculino do reino."

Com isso encerramos uma camaradagem que começara tão bem. Ela partiu, farejando o ar, no rastro de sua vaca sagrada, e eu fui procurar Peter Fry para saber os verdadeiros motivos da fúria de Ms. Hite. Mas isso é assunto para uma matéria que os leitores deste jornal podem exigir de Peter Fry. (Francisco Bittencourt)

O mito bem dotado

Em 1953 eu era desenhista na Standard Propaganda. Também desenhava para teatro e, como tinha interesse pelo estudo da moda e até arriscara desenhar para algumas lojas e firmas de confecções, a agência publicitária encarregou-me de criar uma coleção para a Rhodia, que até então, com fins publicitários importava moda e costureiros franceses. Seria um lançamento de moda brasileira, talvez o primeiro. Acontece que, sem falsos machismos nem preconceitos, o meu interesse nesse setor era dirigido ao teatro. Propus então que a apresentação tivesse características teatrais, o que foi aprovado pelo cliente. Meus trinta desenhos foram executados por três confeccionistas paulistas e uma do Rio, Ruth Silveira, que na época mantinha um pequeno atelier em Copacabana, mas que estava na crista da onda.

O espetáculo de São Paulo foi no Teatro Cultura Artística, com a presença de todo o "creme catupiri" da sociedade local, em benefício da Campanha do Câncer.

Ainda não existiam muitos manequins profissionais e foi preciso organizar o desfile com os raros existentes, completando o elenco com garotas propaganda da televisão. Uma delas chamava-se Odete Lara. Cacilda Becker, que deveria dizer poemas de Drummond ("No meio do caminho tinha uma pedra..."), de Vinícius e Manuel Bandeira, ficou com estafa e foi, também à última hora substituída por Monah Delacy, que entrou em cena com apenas um ensaio, uma forte gripe e trinta e nove de febre. Shirley, a mais comprida das manecas do grupo, um mulherão extrovertido e de gestos largos, desceu da plataforma para o piso do palco em "black-out" total, com um vestido justíssimo e por um lugar onde imaginou que existisse uma escada. Só não se arrebentou toda, porque os anjos protegem as crianças, os bêbados e, pelo jeito, também as manecas. Para completar a odisséia, o vestido de noiva que finalizava o **show** e que estava sendo confeccionado pela Ruth Silveira, só chegou ao teatro duas horas antes da estréia, ainda com partes presas por alfinetes e transportado por um garoto magrela de dezesseis anos, palpiteiro, inquieto, intrometido: enfim, uma criatura infernal.

Esse garoto tomou conta do espetáculo como se a coisa fosse dele. Infiltrou-se pelo camarim dos modelos, deu palpites nas maquilagens e nos cabelos, achou que todos os vestidos (com exceção daqueles feitos pela Ruth Silveira) estavam um lixo e ao seu bel-prazer acrescentou-lhes enfeites ou eliminou detalhes; e eu, preocupado com as entradas de cada elemento em cena e com o **time** do **show**, fiquei vendo a intromissão, sem poder interferir. Não contente com toda a confusão que estava causando nesse espetáculo que pretendia ser profissional e muito **chic**, ele entrou durante o "black-out" para ajeitar os véus de noiva de Odete Lara e saiu correndo de cena sob risadas da platéia, quando os refletores iluminaram instantânea e profusamente o palco para a cena final.

Vocês já devem ter percebido que esse molecote era o Dener. Parece que os nervos de Ruth Silveira não agüentaram a precocidade do rapaz e ele foi legado a outra madrinha, Maria Augusta, modista em São Paulo. Acompanhei esporadicamente esse início de carreira de Dener, que foi fulminante. Seis anos depois, em 1959, ele já estava com atelier próprio e era a coqueluche de toda a grã-finagem paulista. Foi quando encomendou a mim o retrato que ilustra este depoimento. Ele foi um dos piores, o mais irritante e um dos mais inquietos modelos que pintei. A pose marcada para logo após o almoço só foi iniciada depois das quatro e terminada sob luz noturna; e com freqüentes interrupções da parte dele para transmitir ordens aos "escravos" da casa e para inúteis bate-papos telefônicos com amigos. Eu estava extenuado quando terminei a peleja. Mas a "aventura retrato" não ficou por aí. Algum tempo depois fui à casa e notei que o quadro tinha algo diferente: como era moda ter cabelos mais longos, ele acrescentou a nanquim, por conta própria, alguns caracóis a mais naqueles que eu havia pintado.

Nada a fazer: Dener era assim e pronto! Para ser seu amigo, era preciso pegar ou deixar. Eu não peguei nem deixei, mantendo com ele um relacionamento cordial sem ser assíduo. Na verdade reconheço que o verdadeiro Dener era aquele mesmo que ele próprio havia criado e elaborado, com muita inteligência e luta, para viver num mundo "a la Dener", em que só entrava e existia quem e aquilo que ele queria. Desse mundo fazia parte a sua ambigüidade (ou versatilidade?) sexual, onde a bichice levada aos exageros do amaneiramento e do requinte era uma atitude profissional, acobertando a bissexualidade da qual não fazia alarde. Seria este o seu lado positivo? Nem sei, porque tudo nele não deixava de ser positivo, desde que analisado sob o ângulo Dener de autenticidade. Diz um seu amigo íntimo que bem poucas, raras vezes, o viu prostrado psiquicamente, isto é, alheio ou distante das apoteoses mentais — e então era quando a barra estava pesada mesmo! Porque o normal era a criatura brilhante que, envolta em um longo casaco de peles ou suspendendo o colarinho da camisa para esconder o gogó, entrava em qualquer lugar e **fechava**, mesmo se naquele lugar já estivesse a pessoa mais badalada e **fechativa** do mundo.

Como não nasci ontem, não serei idiota de citar nomes, mas sei de muitas mulheres lindas e famosas e muitos senhores corretos e sisudões que não escaparam ao charme de Dener. Uma seu ex-manequim, por exemplo, confessou-me certa vez que além de muito bem dotado (!) ele era excelente amante, melhor que todos os machões que ela havia tido. Os casos que se contam dele então, mais que acontecimentos reais, parecem cruza de "science-fiction" com fofoca social. Este por exemplo: Uma manhã a camareira entra no quarto sem avisar e flagra-o na cama com uma mulher belíssima (uma conhecida vedete), nuinha e de popô para cima. "Minha prima", diz Dener à camareira, apresentando.

Outro: Um louro modelo fotográfico, bastante conhecido por sua beleza e que já havia tido transa com Dener, voltou de uma temporada nos Estados Unidos transformado em **hippie**. Dener encontrou-o meio largado pelas ruas, carregou-o para casa e este docilmente deixou-se banhar, perfumar, vestir, polir as unhas, só não permitiu que lhe cortassem os longos cabelos. Dener não teve dúvidas. Embebedou-o e quando ele dormiu de porre, vestiu um "robe" longo de cetim verde, pôs a ópera Sansão e Dalila no toca-discos e ordenou ao copeiro Pedro: "Pierre, me traga uma bandeja de prata e uma tesoura."

Certa vez foi o convidado especial numa baile popular no bairro da Casa Verde. Lá viu um **bofe** belíssimo de um metro e noventa de altura, ombros desta idade e coxas de jogador de futebol de várzea (pai russo, mãe italiana ou vice-versa). O bofe estava dançando atracado numa garota. Dener mandou recado pelo chofer e o garotão veio à mesa mas acompanhado pela garota, que, percebendo a jogada, logicamente ficou indignada. "Vamos", disse Dener ao rapaz. Que obedeceu. No dia seguinte Dener aparece em casa de amigos acompanhado da "obra-prima", já elaborada: calças pretas ajustadas, camisa de cetim branco de modelo cossaco, uma faixa larga de tecido prateado na cintura, com duas borlas dependuradas de um lado e... um leve sombreado nas pálpebras para destacar os olhões azuis.

O universo de Dener se desgastou depressa demais nos últimos tempos. Quando o reencontrei recentemente num programa Flávio Cavalcanti no qual fui entrevistado, e ele fazia parte do júri, impressionou-me muito o seu aspecto físico. Ele sempre teve olheiras fundas e uma cor macilenta, mas agora estava inchado e com um ar sonolento de quem pensa e age com dificuldade. Ele se sabia muito doente, mas recusava aceitar-se como tal, fazendo enquanto agüentava o mesmo tipo de vida que sempre fez, escondendo a doença até dos próprios amigos íntimos. Usufruiu em quarenta e dois anos uma quota de vida que era para durar bem mais. Mas... e daí? Viveu a vida em letras grandes e de maneira especialíssima e requintada como sempre quis.

Não tenho dúvidas em afirmar que depois de Carmem Miranda esse garoto paraense venha a ser o segundo grande mito brasileiro, desde que se classifique **mito** naquela categoria hollywoodiana de pessoa que, talvez mal comparando, vive borbulhante sobre nuvens douradas à beira de um abismo. Falando de mitos, lembro-me ainda de Maísa, talvez de Dolores Duran, ou Cacilda Becker, Francisco Alves ou Orlando Silva. Sem detalhar os dois últimos, acho que Cacilda teve vida equilibrada e morte dramática; as cantoras e compositoras, mesmo grandes, possuíam uma consciência trágica do cotidiano que escapa daquele enfoque de euforia que foi a vida de Dener e que definiu o conceito criado em torno, por exemplo, de outros mitos como La Miranda, Marilyn ou Elvis Presley. Dener soube viver o mito que havia imaginado: "Eu sou uma estrela e estrela tem luz própria. O resto é lantejoula."

(Darcy Penteado)

Um retrato sincero

Seu nome — Dener da Silveira Pamplona Braga Cavalcanti de Abreu. Ou Dener Pamplona de Abreu. Ou — simplesmente — Dener. Veio de longe, Belém do Pará. Eu o conheci em 1953 no Rio de Janeiro. Já tinha a cabeça povoada de sonhos. Eu já estava no teatro. Gostamos um do outro no primeiro dia. Demorou pouco e abriu uma loja de camisas, na Rua Francisco Sá, em Copacabana. Já naquele tempo seus preços eram incríveis — tudo o que ele fazia também. Originalíssimo. Não parava nunca, parecia um mosquito elétrico. Decorava tudo com incrível facilidade e sempre teve um talento enorme para imitar as pessoas.

No gênero musical só ouvia Dalva de Oliveira, Carmem Miranda, Ângela Maria — as vezes, Chico Buarque de Holanda. Sua intimidade com a música popular brasileira acabava aí. Seu ídolo: Maria Callas. Adorava óperas e sabia umas quantas decoradas. Roupas, cenários, data de estréia, onde, quando, como, dirigidas, regidas e cantadas por quem. Seu maestro: Von Karajan.

Ao chegar a São Paulo, uniu-se com a então badaladíssima Miss América, com quem fazia desfiles de modas. Seus modelos eram Carminha Verônica, Célia Coutinho, Taluhama, então vedetes do Zilco Ribeiro e sucesso total em São Paulo. Depois abriu loja com Bia Coutinho, locomotiva da sociedade paulista, na Praça da República. Daí foi para a Scarlet Modas, a mais famosa da época, com Maria Augusta Teixeira, na Barão de Itapetininga. Abriu loja na Avenida Paulista — já era o top da moda. Pode-se dizer que a moda brasileira existiu antes e depois dele. Costureiro brasileiro antes dele era piada. Havia sim, boas costureiras, que copiavam direitinho a moda e os modelos franceses. Seu costureiro favorito: Balaciaga. Mulheres: Coco Chanel e Schiaparelli.

Com um jeito gozado, sofisticado — simplicidade, temperamento —, ele entrou na alta sociedade de São Paulo, a mais fechada do Brasil. Pelo menos na época... Grande amigo de Aracy de Almeida, curtia o Jeca o Michel com igualdade.

Das coisas que ele gostava — vida de mulheres célebres, por exemplo — ela sabia mesmo. Tudo. Comprava todos os livros e lia e relia sem parar, até decorar os mínimos detalhes. Quanto às coisas de que não gostava, elas simplesmente não existiam para ele.

Inteligentíssimo, tinha uma personalidade absorvente e charmosíssima. Engraçado quando queria, podia ser insuportável, se tivesse vontade. As coisas para ele tinham valor relativo. Seus conceitos não eram os nossos. Vivia num mundo à parte, que ele fez e viveu dentro. Criou um mundo seu, a realidade misturava-se com o sonho; ele foi para a sua Torre de Cristal, trancou-se nela e morreu lá.

Viveu como quis. Fez o que desejou. Não aceitava conselhos, nem os dava. Sempre dizia: "bons amigos são aqueles que não dão problemas, nem os trazem para que os outros os resolvam". Cada um que cuide de si. Nada é impossível! No entanto, nós cuidávamos dele, e ele de nós. A maneira dele, é claro, mas nunca deixou ninguém sem ajuda. Só não gostava que se falasse nisso. Detestava aparentar fragilidade. Gostava de poder e curtia seus pertences. Lançou sua imagem — Dener, um luxo! Fazia questão dela, não abria! Em casa, ou com os amigos, era outra pessoa. Era ele mesmo. Bem educado, sensível e atencioso, simples — como um franciscano.

Era hipocondríaco. Tomava mil remédios por dia. A ordem e a limpeza eram seus deuses particulares. Ficava arrumando tudo. Ai de quem mudasse uma peça, uma coisa do lugar. Gostava de gente, ou de solidão. Tudo — ou nada. Mas sempre sonhando. Não se ouviu dele uma queixa pessoal. Seus momentos de reflexão devem ter sido terríveis. Mas ninguém os viu. Foi uma personalidade. Eu gostaria de falar muito mais — lembrar todos os bons momentos que passamos e que tivemos juntos. Todos os seus momentos de glória. Ele inventou as festas produzidas. Quando da visita de Gunther Sachs ao Brasil, na casa da Rua Itacaranha, no Pacaembu, ele deu uma das maiores festas que São Paulo já viu. Brasileira 100%. Os empregados vestidos de Debret, enfeites tropicais, no meio do ambiente criado por Flávio Phoebo e Sérgio Fonseca. Um deslumbramento. Ele diria tudo como um maestro. Tudo impecável. Com Dener, na verdade, acaba uma época. Nós estamos na era do Dancing Days da vida. Ele detestava isso. Não fazia o seu gênero. Eu vou lembrar dele sempre, como alguém puro, bom, amigo. Amante das coisas belas e boas da vida. Cultivador da beleza, sacerdote do sonho. Sei que um dia vamos nos encontrar. Não sei a hora, mas fico por aqui, chorando e lembrando dele.

Consuelo Leandro

Uma vitória na Califórnia

No dia 7 de novembro, os californianos, além de reelegerem seu governador e renovarem sua representação em Washington, opinaram sobre uma série de questões em plebiscito, decidindo que os cigarros (em locais públicos) e os homossexuais (ensinando nas escolas) não incomodam tanto afinal de contas.

A chamada proposição número 6 sobre a qual votaram foi apresentada por um senador (John Briggs) que se preocupa, segundo os que o apoiaram, com a "tendência dos homossexuais a influenciar e promiscuir os jovens". Se aprovada, ela daria aos diretores de escolas públicas pré-universitárias o direito de despedir professores que "defendessem, encorajassem ou promovessem" em classe a homossexualidade.

Mas parece que os eleitores desse Estado americano — onde a situação da homossexualidade no quadro de práticas e idéias públicas já superou a fase do troglodítismo — estavam preocupados com problemas mais concretos: tendo barrado a proposta cretina por 59 a 41%, mostraram inquietação diante da criminalidade aprovando por 71 a 29% a ampliação dos tipos de crimes passíveis de pena de morte.

A campanha contra a proposição foi ativa. Anúncios em jornais perguntavam: "Depois dos homossexuais, quem?" No País em que o principal organismo representativo dos psiquiatras já se nega a considerar doença a homossexualidade, lembrou-se também que eventuais comportamentos imorais de professores, homo ou heterossexuais, já são objeto de legislação cominatória. Visitando a capital do Estado, Sacramento, durante a campanha, o presidente Carter encerrou um discurso bradando heroicamente: **"Vote no on six** ("Votem não à proposição seis!").

No Beverly Hilton Hotel de Los Angeles realizou-se, após a vitória, um baile relatado com alguma ironia por **O Globo** (9/11). O **Jornal do Brasil** e a **Folha de São Paulo** (onde Paulo Francis contou que se manifestaram contra a proposição Hollywood em peso, sindicatos operários, jornais, o governador Edmund Brown e até Ronald Reagan) cobriram bem, mas **O Estado de São Paulo** não deu mais que quatro linhas.

O Globo encerrou assim sua nota de quatro parágrafos: "Martha Haye (a atriz) tomou o microfone e gritou: "Queremos nosso País assim: contra gente analfabeta como esse tal de Briggs, que não entende nada dos seres humanos. Cada qual deve cuidar de sua vida. "Num hotel de Costa Mesa (sic), após uma cerimônia que começou com uma prece feita por um pastor batista, Briggs declarou que, apesar da derrota, pretende continuar a lutar contra o homossexualismo". **(Clóvis Marques)**

Em busca de um candidato

Nos Estados Unidos, os eleitores da Califórnia derrubaram a execrável emenda Briggs, que pretendia oficializar o preconceito e a discriminação contra os homossexuais nas escolas. No Brasil, nas eleições de 15 de novembro, este assunto foi, pela primeira vez, tema de alguns candidatos à deputados, entre os quais se sobressaiu Baiardo de Andrade Lima, candidato a deputado federal pelo MDB de Pernambuco. Baiardo não foi eleito, mas obteve expressiva votação, ainda mais quando se leva em conta que a bancada do Partido eleita para a Câmara Federal naquele Estado não foi das mais expressivas. No Rio, houve um candidato, que a última hora, decidiu, disputar os votos dessa faixa de eleitores: foi o arenista Dias Pereira, cujos cabos eleitorais, na última sexta-feira antes do pleito, distribuiram panfletos na Cinelândia, nos quais ele pedia o "reconhecimento legal do homossexualismo". Dias Pereira não foi eleito, nem atraiu o interesse desses eleitores específicos, que viram em sua súbita adesão, apenas um oportunismo.

E no entanto, havia um candidato que poderia ter levantado essa bandeira: Jorge Jaime, o menos votado de todos os candidatos à deputado à Assembléia Legislativa no Estado do Rio. Tivesse aberto o peito e se apresentado como o autor do livro Monstro que chora, um clássico entendido dos anos 50, certamente teria obtido uma votação bem maior. Jorge Jaime não era melhor nem pior que qualquer outro candidato da Arena, mas cometeu um erro básico, ao se candidatar por este partido, identificando-se, dessa forma, com a censura, e com os evidentes sinais de repressão aos homossexuais, que vêm sendo detectados ultimamente. Dessa forma, nas eleições de 15 de novembro, as pessoas que rezam pela cartilha do LAMPIÃO votaram da melhor forma possível, de acordo com as circunstâncias. Mas não como desejariam. (AS)

Denúncia nos EUA: genocídio

*Uma organização com objetivos de militância concreta no terreno da discriminação contra os homossexuais foi criada em Los Angeles em junho deste ano. Chama-se Estamos em Toda Parte, Internacional (**We Are Everywhere, International**) e seus membros se reuniram inicialmente para protestar contra um caso clamoroso de represssão policial ocorrido em Sidney, Austrália. No documento que estão enviando a várias partes do mundo (uma declaração de propósitos, acompanhada de aplicação ao problema homossexual da Convenção do Genocídio aprovada pela ONU), eles mencionam ainda uma lei, em vias de ser aprovada na Califórnia (**esta lei não foi aprovada; vide matéria nesta página**) vedando emprego no sistema escolar a qualquer pessoa que se declare publicamente sobre a questão, em termos favoráveis à homossexualidade.*

A escolha do nome da organização dispensa explicações, e merece crédito também a opção que fizeram por uma "posição generalista", como oposta a uma atitude diretamente "política", já que explicam, na conclusão de sua declaração de propósitos: "Decidimos ser ecumênicos. (...) Não advogamos nenhuma ordem político-econômica ou social em particular. Na verdade, constatamos que muitos desses conceitos éticos ou ordens políticas pouco espaço deixam para nossas vidas ou nossas liberdades. (...) Se existisse uma ordem mundial que não permitisse que as pessoas passassem fome, vestissem-se mal ou morassem mal, ou não isolasse algumas pessoas por causa de suas crenças pessoais e ou vidas privadas, nós defenderíamos uma tal ordem em nossos documentos de fundação. Não pudemos encontrar semelhante sistema, e portanto escolhemos uma posição generalista".

*Por ordem mundial, como acontece em tantos articulistas anglo-saxões, eles parecem designar basicamente os dois sistemas políticos principais que conhecemos e que ambos, com efeito, abominam a homossexualidade. Mas a declaração de princípios da Estamos em Toda Parte, International, fazendo questão de frisar que está querendo abrir o debate para começar a formar um consenso que leve a formas de ação, não se preocupa em ser **anti** isto ou aquilo.*

*Historiando inicialmente as barbaridades que homossexuais vêm sofrendo através dos tempos, eles passam em revista períodos e circunstâncias históricas mais ou menos conhecidos: a Inquisição (quando pelo menos 450 mil pessoas foram eliminadas para terem suas almas salvas), a caça protestante às bruxas de Salem, no Massachusetts, a Alemanha nazista (destacando que homossexuais eram considerados "deficientes mentais" em "julgamentos" que muitas vezes não duravam mais que dois minutos; que o número destas vítimas, variando segundo as estimativas de 250 mil a dois milhões, deve ser conhecido com mais precisão; e que as quatro potências ocupantes erigiram obeliscos às vítimas dos campos de concentração, **exceto no caso dos homossexuais**).*

E constatam, não sem uma certa inclinação ao apocaliptismo americano, a "ressurgência da opressão, repressão e exploração de homossexuais, após 25 anos de educação através dos movimentos de liberação homófila e homossexual, e 10 anos de liberação lésbica e gay. Como os Estados Unidos são freqüentemente o lugar em que a loucura começa, a partir do qual se dissemina, supomos que a atual onda de homofobia neste país vem tendo um efeito danoso sobre toda a comunidade internacional."

É assim que o documento faz um chamado à ação, educação, resistência e à razão. Desde o surgimento do nação-Estado — explicam — com a necessidade de formação de exércitos nacionais, "nós somos tratados como uma abominação". Tal ideologia, infiltrando-se nas formulações práticas e teóricas de igreja, Estados, instituições educacionais e familiares, veio condicionar ainda mais gravemente, nos últimos tempos, o que chamam de "indústria de saúde mental", que trocou, sem vantagem para nós, o conceito de pecado pelo de doença. E isto sob a cobertura de uma "ciência" que tão pouco tem de científica a ponto de a Associação Americana de Psiquiatria decidir por votação majoritária (e não, por exemplo, mediante uma exposição de motivos cientificamente documentada), excluir a homossexualidade de sua nomeclatura de doenças mentais.

Quanto à questão do genocídio, o artigo segundo da Resolução 96 das Nações Unidas, de 11 de dezembro de 1946, tem seus cinco itens comentados um a um no que se refere aos homossexuais. Diz a resolução (entre parentêses, nosso resumo dos comentários feitos pela organização de Los Angeles).

"Na presente Convenção, genocídio significa qualquer dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, ético, racial ou religioso, das seguintes maneiras:

a) Matar membros do grupo (extermínio sistemático de homossexuais ou grupos homossexuais através dos séculos, lembra Estamos em Toda Parte, Internacional);

b) Causar sérios danos corporais ou mentais a membros do grupo (lobotomia, terapias de aversão, tratamento de choque e encarceramento de homossexuais em prisões, instituições mentais, campos de concentração ou de reeducação);

c) Deliberamento infligir ao grupo condições de vida destinadas a provocar sua destruição física no todo ou em parte (nos países em que se afirma oficialmente não existirem homossexuais, eles foram eliminados, encarcerados e afastados da vida em comum ou vivem em condições intoleráveis que os tornam totalmente marginais);

d) Impor medidas destinadas a impedir nascimentos dentro do grupo (esterilização ou castração de homossexuais em certas sociedades);

e) Transferir compulsoriamente crianças do grupo para outro grupo (casos em que, descobrindo-se que o pai ou mãe de uma criança é homossexual, transfere-se o filho aos cuidados de heterossexuais que frequentemente nenhuma relação têm com a criança)."

Estamos em Toda Parte, Internacional espera opor a educação à ignorância, a dignidade à agressão, a ação direta à injustiça. Para isto, procura a comunicação e a debate com os interessados em todas as partes do mundo. Que chovam denúncias toda vez que o poder cometer atos de repressão que incorrem nas formas de punição prevista no documento da ONU, de que o Brasil também é signatário. O endereço de Estamos em Toda Parte, Internacional.: Post Office Box 173, Los Angeles CA 90028, USA.

Cuidado, John Travolta

Não se trata de um novo Travolta, nem de um filho desconhecido de Marlon Brando, como já deve estar pensando o pessoal do **ancien régime** por causa da exuberante carnação labial. O rapaz da foto, Dimitri Ribeiro, é rebento nosso, PNP (Produto Nacional Puro), carioquinha da gema e está em plena casa dos 20 anos. Querem saber mais sobre ele? A princípio achamos que deviamos mantê-lo incógnito, depois decidimos que isso seria uma maldade com vocês. Dimitri é quem assina o estudo fotográfico da página ao lado sobre as glórias do verão carioca e das praias do Rio (para alguns dos membros do conselho deste já vetusto mensário, o autor tinha de estar posando para as fotos e não atrás da objetiva) e um artista plástico dos mais premiados do País. Atualmente ele participa da I Bienal Latino-Americana de São Paulo e do Salão Nacional de Artes Plásticas do Rio. Para a Bienal criou um ambiente mágico-religioso que chamou de "Águas de Oxalá", e no Salão carioca tem três caixas que pertencem à série "Patrimônio Ritual". Se vocês quiserem ficar mais enfronhados na arte dele e conferir o que estamos dizendo, façam visitas aos referidos eventos. Agora, se é o visual da criatura o que mais lhes interessa, aqui vão duas dicas: Dimitri vai participar do júri do concurso Dancin Gays, na 266 West, e todos os sábados ele pode ser visto dançando com sua mina na New York City Discoteque.

Fortaleza: um gay-guide

(Fortaleza, uma cidade entendida? É o que garante o leitor Modesto de Souza, que diretamente da capital cearense nos enviou este minúsculo gay-guide. Sigam o roteiro de Modesto quando forem ao Ceará. Ele está por dentro)

Já somos uma cidade metropolitana, quase 1,5 milhão de habitantes, mas muitos visitantes chegam e não vêem nada. Para os que venham a Fortaleza e queiram curtir o melhor aqui vai o roteiro:

Cinemas — O melhor é o Jangada. É um cinema humilde, cheio de bofes querendo faturar alguma aventura. O outro, de melhor qualidade, é o Cine Diogo. Para este recomendo as últimas sessões, e que o entendido fique na parte superior do cinema. Quanto mais alto, melhor a pegação.

Saunas — As saunas são pouco freqüentadas em Fortaleza e bastante tolerantes. A que fica na Avenida Presidente Kennedy, entre o Clube Náutico e o Hotel Beira-Mar, tem um massagista (o único), que é uma loucura.

Boates — Discretas bonecas povoam as discotecas da cidade, sobretudo, a Dora's, na Praia do Futuro. Mas a boate guei mesmo é a Navy, chamada por uns de Naveguei. Há até a brincadeira de se perguntar: "Onde fostes ontem?" A resposta: "Ah, naveguei..."

Bares — O que reunia a fina flor do movimento gay da cidade, sobretudo do sexo feminino, fechou. Era o Doces Bárbaros, onde aconteceu, inclusive o casamento de duas moças. Atualmente a moçada está distribuída. Mas há muitos e bons. No litoral, eles são encontrados na Avenida Leste-Oeste. Muitos travestis, dando uma de donzela, mas a barra lá é pesada. O Beco e o Reboco são dois bares mais tranqüilos daquela parte da cidade. No centro, dois quarteirões de bares, na Avenida Duque de Caxias, entre Barão do Rio Branco e General Sampaio são a pedida, pois são, entre outras coisas, baratíssimos. E ainda o Carinhoso, no último andar do Edifício da ACI, bem próximo aos hotéis. No Carinhoso, onde as pintosas não entram, você sempre encontra aquelas tias tranqüilas, a bebericar com rapazes. Mas tudo discretamente. Nada de travesti, nem de pintosas de outras marcas. No bairro de Iracema, vários bares, mas muito pobres, pouco recomendados para visitantes.

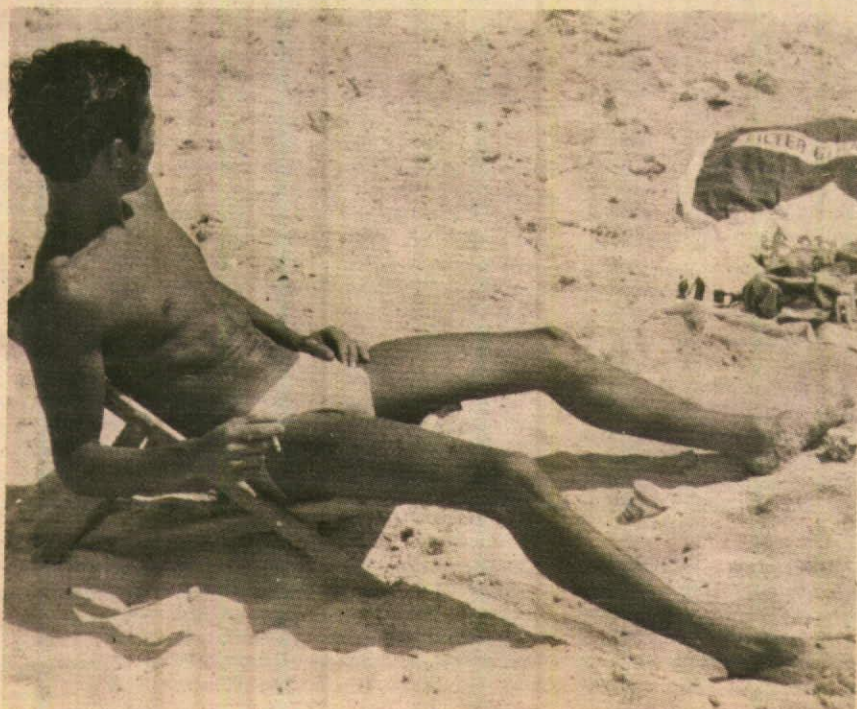
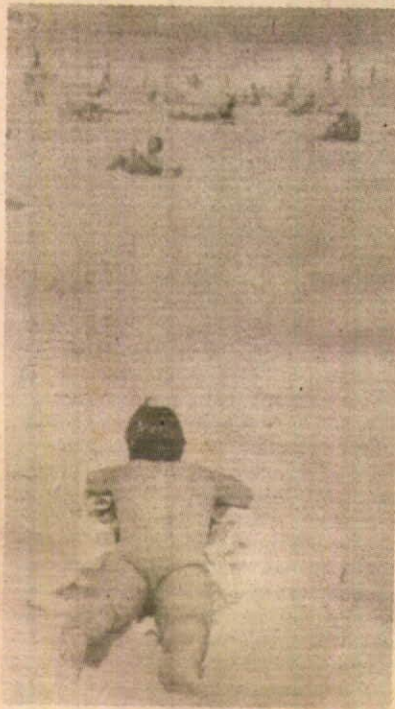
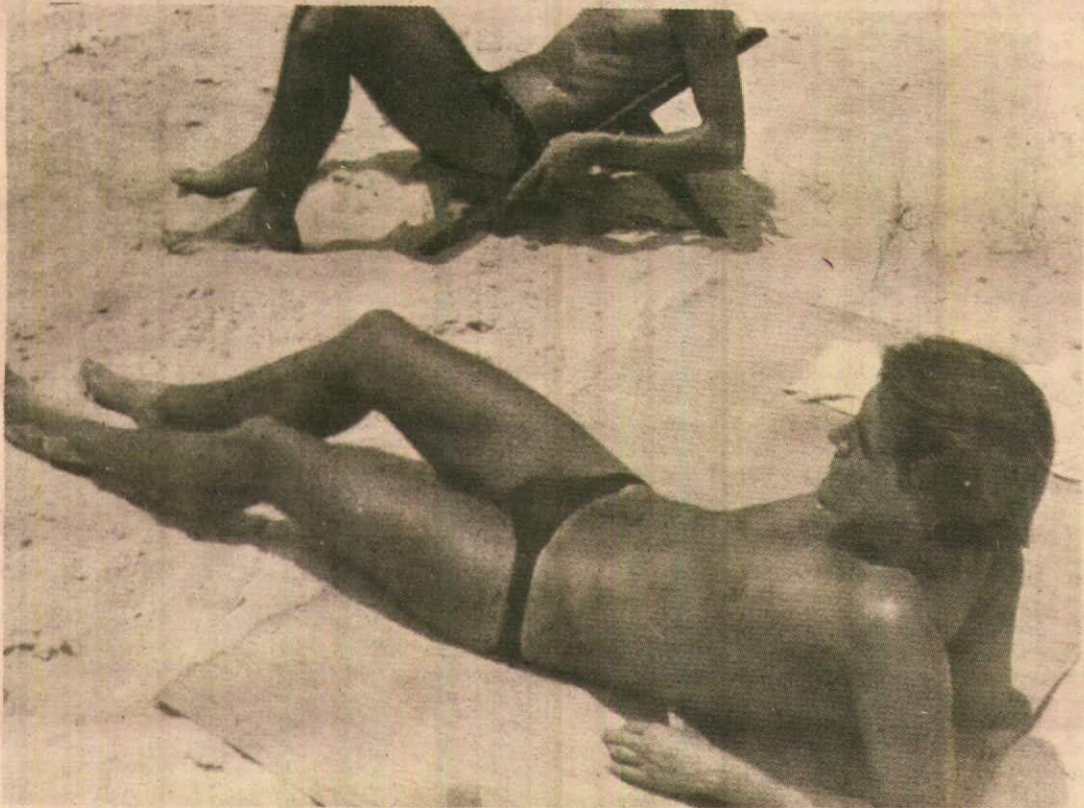
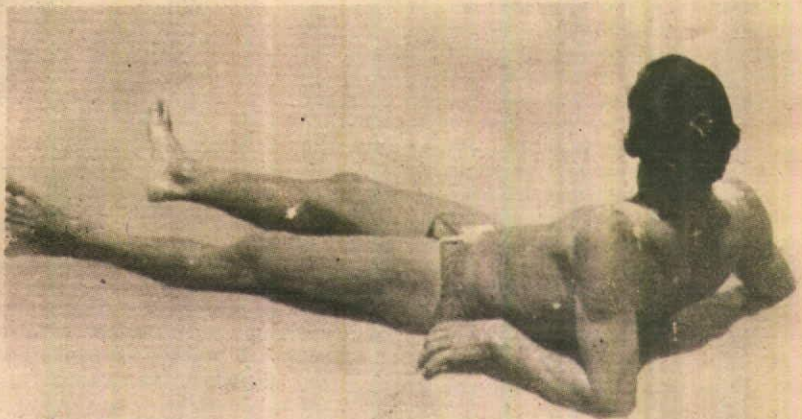
Pontos de encontro — Além dos hotéis, todos tolerantes, há vários pontos de encontro sobretudo, na Rua 24 (ai que maravilha de número), de Maio. Venha conhecer Fortaleza. **(Modesto de Souza)**

REPORTAGEM

Quem resistirá a este verão ?

Fotos de Dimitri Ribeiro

Todos os anos a revista Manchete anuncia o verão com páginas e páginas de fotos coloridas tiradas nas praias do Rio. Estas fotos, por um motivo nunca revelado, excluem, no entanto, o elemento masculino da paisagem carioca; é como se o Rio fosse uma cidade povoada apenas por belas, geniais mulheres. É para reparar esta falha do pessoal de Manchete que LAMPIÃO encomendou ao seu mais novo fotógrafo, Dimitri Ribeiro, um estudo fotográfico que reintegrasse à paisagem do verão este elemento, sem dúvida tão essencial quanto as mulheres fotografadas por Manchete: o corpo masculino.

É evidente que, como acontece nas reportagens feitas pela revista que aqui citamos, nossos modelos não sabiam que estavam sendo fotografados, e por isso se deixaram apanhar na maior das descontrações. Onde estavam quando foram feitas as fotos? Em Copacabana, exatamente como prefere Manchete. Aliás, aproveitamos para sugerir aos editores da revista: porque não seguir este caminho, mudando um pouco a rotina e publicando fotos como estas, só que coloridas? Fica o recado.

Na Argentina é assim: paulada nas bonecas!

Um documento do exílio

A repressão aos homossexuais em três países da América Latina — Argentina, Chile e México — é denunciada numa série de artigos que LAMPIÃO publica neste número. Da sofrida e contraditória realidade de *nuestro* continente, esta é uma das faces que — sob o cúmplice silêncio da maioria — permanecem nas sombras.

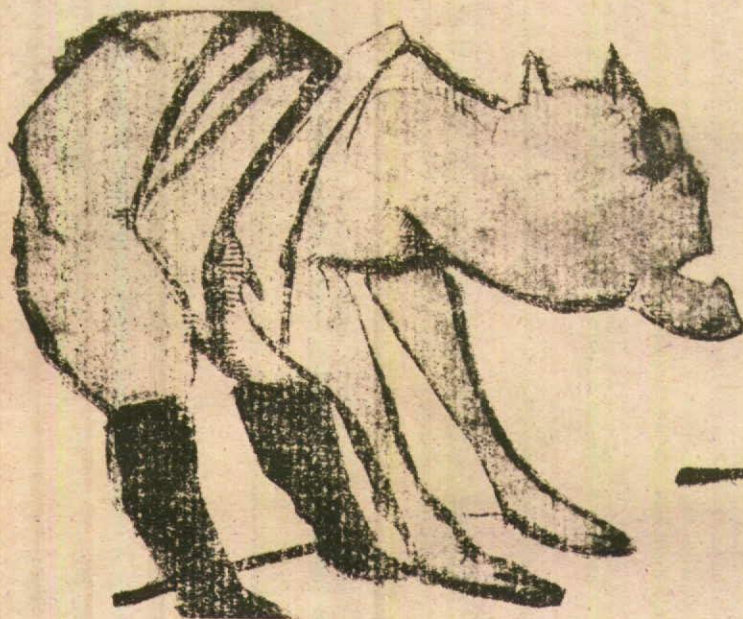
Em meados de 1969 um grupo de homossexuais de Buenos Aires se reuniu com a intenção de formar um movimento em defesa dos seus direitos. Vários deles tinham experiência no campo sindical e político (e tinham sido marginalizados dentro destes por sua condição de homossexuais). A constante repressão policial, que se materializa em periódicas **batidas** em cumprimento aos éditos que condenam toda pessoa homossexual — ou que o pareça — com a pena de 21 a 28 dias de cárcere, é um dos motivos que mobilizaram este grupo; a Seção de Moralidade da Polícia Federal detém semanalmente, em ruas, bares e saunas, dezenas de homossexuais, baseando-se unicamente em seu critério: todo homossexual é um escândalo público, ou um possível corruptor. Policiais das delegacias distritais — dos bairros — colaboram também nesta tarefa "moralizadora". Outro fator que nos reuniu foi a marginalização e o desprezo social, foi a condição que pesava sobre a homossexualidade em nossa cultura e suas instituições.

O movimento nasceu e se desenvolveu em Buenos Aires, uma cidade que engloba mais de 30% da população do país. O centralismo na Argentina é um dos seus grandes problemas. Muitos homossexuais provincianos se refugiam na capital, onde podem alcançar certo anonimato, impossível de obter em seus lugares de origem. Por isso não foi casual que neste primeiro grupo homossexual argentino participassem muitos provincianos, bem como uruguaios. A deflagração do movimento se deveu a gente que socialmente podia ser classificada de classe média, classe média baixa, e dele não participava nenhuma personalidade conhecida por seu trabalho literário, artístico, ou por qualquer outra atividade. A maioria dos seus membros eram empregados, estudantes. Em uma segunda etapa, em 1971, quando o primeiro grupo, Nuestro Mundo, se uniu com outros dois, e todos juntos formaram a Frente de Libertação Homossexual, foi quando se incorporaram escritores, advogados, médicos, psicanalistas, jornalistas, sociólogos, etc... Foi também quando se incorporaram jovens que viviam no ambiente **hippie**, à margem de uma ocupação regular.

A FLH, em seu melhor momento, em 1972/1973, chegou a contar com uns cem ativistas e com várias centenas de simpatizantes. A pessoa aderia ao movimento com entusiasmo, porém sem ter uma idéia clara do que desejava dele, ou do que poderia fazer nele, e o movimento, por sua parte, não estava em condições de orientar os novos membros. Os homossexuais argentinos enfrentavam, e enfrentam, graves problemas concretos, porém quase toda a atividade da FLH se orientava em direção aos problemas ideológicos de fundo e aos políticos em geral. Pensamos agora que este foi um erro que limitou e isolou o movimento.

De todo modo a FLH obteve alguns êxitos em sua ação. Pôde conscientizar a não poucos homossexuais sobre a legitimidade de suas tendências sexuais e sobre como assumir seus desejos homossexuais. Em muitos meios de difusão, em umas setenta oportunidades em um lustro ou mais, a FLH apareceu publicamente, e isto ajudou a parte da população e a muitos homossexuais a encarar o problema dos prejuízos e os tabus sexuais. Também, a FLH pôde influir com suas publicações e sua política sobre personalidades políticas, religiosas, científicas, sociais, artísticas. Este trabalho foi importante na tarefa de conter a homofobia.

Quando a FLH começou a funcionar, recebeu as boas-vindas de alguns meios de difusão ("Siete Dias", "La Opinión", "As", etc.) e de algumas personalidades (Marie Langer, presidente dos psiquiatras, algum deputado ou dirigente político, porém isso de maneira privada). A Igreja Católica nunca se manifestou a respeito, embora em várias oportunidades o solicitássemos; vários sacerdotes nos ajudaram e se preocuparam com os presos homossexuais do cárcere de Villa Devoto. O grupo cristão da FLH elaborou um documento dirigido aos católicos que foi distribuído entre alguns sacerdotes. A esquerda argentina, em seu conjunto muito anti-homossexual, nos ignorou, só um pequeno partido marxista concordou em manter relações conosco. Com quem tivemos ótimas relações foi com o feminismo.

Quanto à direita, tivemos com ela vários problemas. Quando da matança de Ezeiza, a FLH se solidarizou publicamente com as vítimas, e o coronel Osinde, um dos seus responsáveis, nos ameaçou num cartaz que foi pregado nas cidades mais importantes do país. A agressão mais forte foi a que veio do "El Caudillo", jornal da gente de Lopez Rega e das A.A.A. (associação terrorista de ultradireita). Em um artigo, ele conclamou a população para que reprimisse com severidade os homessexuais de ambos os sexos. Aconselhava, entre outras coisas, amarrá-los às árvores nas cidades e castigá-los. Naquela ocasião Pasolini tinha sido assassinado, e "El Claudillo" festejou com alegria a sua morte.

A perseguição a nível policial aos homessexuais na Argentina começou na década de trinta, quando se iniciou no país um fenômeno de fascistização, estimulado pelo exército e pela oligarquia criadora de gado. Foi quando pascastigam a homessexualidade. Embora, posteriormente, na Argentina houvesse alguns períodos constitucionais e funcionários progressistas, a repressão anti-homessexual se manteve sem maiores variantes. Quando no governo Ongania a repressão se acentuou, ou em 1954, quando do conflito entre a Igreja e Perón.

E recentemente, por motivo do Mundial de futebol. O governo de Videla decidiu que a pena de 21 a 28 dias fosse aumentada para 60 dias. O homossexual detido, que é humilhado e muitas vezes surrado, geralmente perde o emprego, o ano letivo, e tem graves problemas com sua família. O detido fica fichado. Abre-se em seu nome um prontuário denominado 2ºH, e cada vez que é detido por qualquer motivo este antecedente aparece. O homossexual se converte em um cidadão de "segunda categoria". Não poucas vezes um professor, ou professora, por suspeita de homossexualidade foi despedido do seu trabalho. Um jovem chamado a cumprir com o serviço militar obrigatório, pode ser qualificado pelos médicos militares como homossexual e é excluído do serviço, porém em seu documento se dirá o motivo. Se o jovem recruta, homossexual, é incorporado às fileiras e, já soldado, é "detectado" como homossexual, será castigado de acordo com o código militar.

Quando foi derrubado pelos militares o governo de Isabel Martines de Perón, começou um período de maior violência política. Em março de 1976 enfrentaram-se com violência militares e guerrilheiros. O governo militar, para se consolidar, lançou à ofensiva todo o aparelho repressivo do Estado. Neste momento, a FLH decidiu autodisolver-se, até que existam condições propícias para o seu funcionamento. Não convinha arriscar inutilmente seus ativistas e amigos, e o que se podia fazer era muito pouco.

A legislação argentina não outorga qualidade de punível à homossexualidade. Ela só aparece na lei nos casos dos chamados delitos contra a honra, como violação e estupro, mas então lhe é autorgado o mesmo tratamento que às práticas heterossexuais. Os éditos policiais castigam não por delito, mas sim por contravenção (foro administrativo, não penal), as práticas homossexuais englobadas dentro do escândalo público, e equiparadas à prostituição feminina. O que acontece é que se uma casa particular, por exemplo, se realiza uma festa da qual participam homossexuais, e embora todos sejam adultos, se um vizinho denuncia isto à polícia, está provavelmente detém seus participantes e os acusa de escândalo público. Por outro lado, a maioria dos juízes está sob a influência da homofobia. Na cidade de Córdoba, no ano de 1972, um rapaz matou seu amante, outro rapaz da mesma idade, e declarou ante o juiz que havia matado para terminar assim a relação homossexual, que considerava indigna. Uma revista publicou a história sob o seguinte título: "Matou para ser homem". O assassino esteve na prisão só uns meses.

O colégio de advogados não se manifestou a favor dos direitos dos homossexuais. No período de 1972/1973, quando tomou corpo um vasto processo de democratização, a FLH conseguiu que advogados progressistas de algumas organizações de esquerda acedessem em defender os homossexuais detidos. Porém não se atreveram — ou não o desejavam — a dizer isso publicamente.

Os companheiros de LAMPIÃO nos perguntam quais são as causas que determinam que a repressão anti-homossexual no Brasil e na Argentina se manifestem de maneira diferente. Esta pergunta exige uma análise histórica complexa. Para começar, a origem histórica da Argentina se relaciona com a Espanha imperial dos Reis Católicos e com o Santo Ofício. Os índios homossexuais do Rio da Prata, na época da colônia, eram condenados a ser comidos vivos pelos cachorros. Depois da primeira guerra mundial a homossexualidade na Argentina se expandiu, cresceu; a moral tradicional — por sorte! — entrou em crise. Logo, quando da crise mundial de 1929, se esgotam o espaço e as possibilidades de certos projetos econômico-sociais, e então na classe dominante se impõe e setor mais autoritário, mais reacionário e puritano, que se caracterizou por sua fidelidade à tradição e aos "bons costumes". Usou do "moralismo" para disciplinar e subordinar a população ao seu esquema de poder.

O "ambiente" homossexual de Buenos Aires há algumas décadas é uma "zona" que inclui milhares de pessoas as mais diversas. Evidentemente este fato tem que preocupar a sociedade dos "normais". Há ruas, bares, saunas, que se caracterizam por serem de "ambiente". Porém só em alguns momentos, muito poucos, houve lugares para dançar. Em 1974 existiam vários, mas fecharam ou foram fechados. O "ambiente", de qualquer maneira, sobrevive, apelando para a discrição, para a clandestinidade. Os "normais", obrigados a viver o sexo sujeito ao esquema de dois papéis, masculino e feminino, ativo e passivo, macho opressor, mulher submetida, se intranqüilizam. É que em Buenos Aires existem dezenas e dezenas de lugares de "entendidos", onde se concretiza o desejo homossexual, e onde a homossexualidade se expressa. O desejo homossexual se manifesta em trens, ônibus, no Metrô, em lugares de trabalho e nos colégios, nas lojas ou nos cinemas, em universidades e quartéis, numa infinidade de lugares, e participam muitas pessoas, e não só aquelas fichadas como exclusivamente homossexuais. Isto é o essencial. Em Buenos Aires há muitos homossexuais e também homossexualidade, e a sociedade heterossexual-monogâmica-machista se assusta. E se assusta porque se vê obrigada a reprimir sua própria homossexualidade.

Quanto às perspectivas na Argentina, seria algo arriscado fazer prognósticos. O que podemos dizer é que a etapa mais violenta da luta armada entre os militares e a guerrilha já passou, com o triunfo dos primeiros. E que o governo de Videla, consolidado no poder, se vê obrigado a buscar uma saída política, institucional. Necessita do consenso da população, ou ao menos de uma parte dela de maneira explícita. E este processo, que aponta em direção à abertura, pode favorecer, aliviar, a situação dos homossexuais. Se de 1974 a 1977 o terror imperou, agora o que impera é a angústia. Assim o expressam as cartas que recebemos dos homossexuais que vivem em Buenos Aires. Constantemente temem ser detidos pela polícia nas ruas, seja de dia ou de noite. A ditadura tem significado a morte, a detenção, o exílio para muitos homossexuais argentinos. Esta experiência nos obriga a valorizar a democracia. Na medida de nossas possibilidades trabalhamos por uma abertura, sabendo que o inimigo não só está na direita, como também na esquerda. Os membros da FLH sabemos por experiência própria que tanto a direita como a esquerda argentinas estão empapadas de homofobia. E que toda ditadura, seja em nome da "cultura ocidental e cristã ou" ou da "classe operária", atenta contra nossos direitos e contra nossas vidas, e contra a liberdade da população em geral.

Os homossexuais da FLH argentina exilados na Espanha estão muito contentes com a existência de LAMPIÃO. Sua aparição nos dá alento, e o fato de poder chegar a milhares de brasileiros através de suas páginas é uma dívida que dificilmente poderemos saldar. Saudamos com admiração e respeito vosso trabalho em favor da "saúde" da população e do "gosto pela vida" dos homossexuais. Desejamos que vosso trabalho tenha continuidade e que se desenvolva. Temos a esperança, e não queremos renunciar a ela, que em alguns anos, na Argentina, poderemos repetir a vossa experiência, continuando o caminho aberto pelas publicações "Homossexuales" e "Somos", que editamos nos melhores momentos.

(Ricardo e Héctor, da Frente de Liberação Homossexual Argentina no exílio. Tradução: Aguinaldo Silva)

"Não somos turistas, somos fugitivos"

Em fevereiro deste ano, um jornal de ampla circulação pediu-me uma reportagem sobre a invasão do Brasil por argentinos nos meses de verão. Foi na época em que Buenos Aires estava na moda e não havia brasileiro que se prezasse e com alguns cruzeiros no bolso que não desse seu giro por plagas portenhas para comprar muamba e comer barato. Não durou muito esse ciclo, mas dele milhares de patrícios se aproveitaram, apesar de sentirem na carne a hostilidade dos hóspedes, resultado da humilhação pela moeda aviltada e a decadência geral do país. Muitos brasileiros, inclusive amigos meus, deram vexames em Buenos Aires, esbanjando como árabes e comportando-se como gringos em terra colonizada. Um desses amigos contou-me muito orgulhoso que jantava cada noite num restaurante diferente, mas sempre os de cinco estrelas, escolhendo o prato mais caro do cardápio, mesmo sem saber de que consistia. Numa dessas noites regadas a vinho, ele pediu escargots, e qual não foi sua surpresa quando lhe trouxeram em serviço de prata meia dúzia de lesmas. Era o castigo que vinha a galope. Apesar disso, essa pessoa não se corrigiu e continua tão bazófia quanto antes, sempre falando em cozinha francesa, tradição, família, propriedade e coisas por aí. Não me perguntem como é que eu sou amigo dele. Como sei que ele lê o Lampião, esta é a minha maior e mais doce vingança: estou com comichão nos dedos de vontade de escrever seu nome. Mas deixa pra lá. Que ele saiba, porém, que todas as vezes em que me obriga a ouvir suas babaquices eu fico me dizendo "lesma nele!".

Ah, sim, eu estava falando mesmo dos argentinos que aportam por aqui nos meses de verão. Vocês sabem como é: quando o verão explode no Rio, a cidade parece que fica possuída por uma exaltação e uma urgência de viver que se notam na cara das pessoas que andam pela rua. Nunca vi isso em outro lugar. O carioca, que é um brasileiro "sui generis" no seu comportamento hedonista do ano inteiro, aumenta sua voltagem entre novembro e fevereiro e transmite tudo isso aos forasteiros. Para eu pesquisar os argentinos não foi preciso andar muito. Encontrei-os justamente, num lugar que costumo freqüentar nessa época de comichão estival, a Galeria Alaska. Mas era desse tipo de turista que meu jornal queria que eu falasse? Os argentinos do verão da Galeria Alaska não são propriamente o protótipo com que sonha a indústria turística de qualquer país. Foi por isso que enfeitei um pouco a história, para torná-la mais digerível. E só hoje, quando se inicia mais um verão carioca e os argentinos começam a aparecer de novo, é que escrevo tudo sobre uma experiência que me comoveu e fascinou.

Os freqüentadores argentinos da Galeria são todos muito jovens: nenhum deles têm mais de 25 anos. O longo caminho que percorrem, de Buenos Aires ao Rio, é quase sempre feito na base da carona, com paradas em Porto Alegre e São Paulo. Muitas vezes eles vão ficando, também, por outros pontos, mas a meta é sempre o Rio. O ponto de referência é a Galeria, onde em certas noites frenéticas se ouve mais castelhano do que português, ou então uma mistura de gírias portenha e carioca. Eles sempre andam em pequenos grupos de dois ou três, rondando bares e inferninhos, "querendo dar prazer", como um me disse. Acontece que o prazer que eles querem dar está cada vez mais difícil de ser aceito, pois há uma fama que vem afirmando entre a clientela da Galeria de que argentino só quer mesmo comer e dormir. Um amigo meu, no entanto, é totalmente contrário a essa idéia e conta a história de Hugo, 20 anos, amante de praia e futebol, que passa duas ou três vezes por ano pelo Rio em suas constantes viagens pelo litoral brasileiro, que é não só o amante mais exímio que se possa imaginar como também o mais honesto e modesto em suas pretensões entre todos os argentinos que aqui chegam. Vi Hugo uma noite, rapidamente (logo depois foi praticamente raptado num táxi por um senhor respeitabilíssimo). Ele acabava de chegar de São Paulo e trazia uma carta de recomendação para o tal senhor. Mas no dia seguinte, domingo, ele poderia encontrar meu amigo à noite, depois de ir ao Maracanã à tarde para assistir o seu Flamengo jogar. Dentro de uma semana, disse-me ele, embarcaria para Salvador, onde o esperavam. Nunva mais vi Hugo, mas sei que, por onde passa, deixa saudades. O seu trunfo parece ser esse, não se prender a ninguém. Deve haver muita gente por esse Brasil a fora esperando ansiosamente por sua volta.

Mas Hugo não é, de fato, o arquétipo do jovem argentino que passa o verão no Rio. Eles não são, em geral, muitos alegres ou comunicativos; não têm o aspecto saudável de um surfista do Arpoador, por exemplo, e se portam quase sempre de maneira agressiva e inquieta, sem abdicar, naturalmente, dos shows de afirmação e machismo, bem portenhos. É esse conjunto de fatores que gera certa perplexidade e temor nos que poderiam "ajudá-los". Além disso, são de uma sofreguidão e de uma pressa para gozar tudo o que o Rio, o verão, o sol e a praia pode lhes dar, que um garoto brasileiro ao lado deles parece uma mocinha do Sacré Coeur. Se não arranjam um teto para passar a noite, não tem importância. A praia é grande e ampla e se a polícia os prender eles estão com os documentos em ordem, afirmam orgulhosamente. Acontece que muito freqüentemente, são presos por estarem dormindo na praia, mas na noite seguinte já estão outra vez firmes na Galeria.

Essa é a meu ver, uma verdadeira experiência de liberdade. Dão-se ao luxo de imporem condições aos que os convidam para as suas casas, e, desde que tenham sentado na mesa de bar de quem os convidou e tenham comido rapidamente um sanduiche que tomaram a liberdade de pedir sem perguntar se podiam, pouco se lhes dá que o pagante fique depois de mão abanando. "Vou ali e já volto", dizem, depois de alimentados, e desaparecem até a noite seguinte. São esses estratagémas que enfurecem os brasileiros e que lhes deram a má fama de que gozam atualmente.

Mas que fazer? Esses jovens pertencem a uma nova subcultura. Não são mais da tola geração hippie, não pregam o amor universal e não se interessam por qualquer tipo de misticismo. Querem é se divertir. A maioria deles é da baixa classe média ou operários desempregados, de mãos calejadas e olho rútilo com a perspectiva do verdadeiro prazer. Um deles me explicou o quadro geral da seguinte maneira: "Nós não somos turistas, mas fugitivos. Há aqui uma liberdade que não existe em nosso país. Liberdade de movimentos, de dormir na praia, liberdade sexual. A Argentina é repressora e puritana, o medo da prisão ronda as esquinas."

Como não se render a tais argumentos? Há uma urgência neles de provar de tudo que a cidade oferece que é quase constrangedora, como se tivessem vivido a ferros por muito tempo, ou sido condenados a partir em breve para o desterro. São esses traços que, a meu ver, os tornam desarmantes. E eles sabem disso, como também já descobriram que o brasileiro é geralmente acolhedor.

Com o início da temporada de calor eles virão se misturar outra vez com os gaúchos, catarinenses, paranaenses e paulistas que aqui chegam para viver aventuras que nem sempre acabam bem. Mas podemos lhes negar nossa simpatia? Num contexto tão complicado como o atual, é uma alegria saber que existe uma cidade como o Rio, capaz de ainda, despertar tantas ilusões. E para os argentinos essas ilusões devem ser importantíssimas. E não é só o Rio que é para eles o paraiso com que sonham, é o Brasil inteiro. Muitos deles acham que o Rio é apenas uma etapa para a aventura maior, na Bahia, "onde acontece o melhor carnaval do mundo", como um deles afirmou. Que venham, e que consigam nos convencer de que estamos vivendo no melhor dos mundos. (Francisco Bittencourt)

Chile: denúncias da matança

A partir de outubro de 1972, a situação política e econômica do Chile tornou-se, a meu ver, insustentável: o país vivia totalmente incerto quanto ao futuro. Havia alguma coisa pairando no ar. Então sobreveio aquele tenebroso 11 de setembro de 1973. Quem morava perto das estações de rádio do governo, das fábricas e das universidades acordou com o barulho de bombas e metralhadoras. Nesse mesmo dia o Palácio do Governo foi bombardeado e queimado. As tropas rebeldes destruíram a casa do poeta Pablo Neruda.

Estabeleceu-se um toque de recolher rigoroso, de modo que ninguém podia deixar suas casas. Os operários, inclusive, deviam permanecer nas fábricas. As rádios passaram a transmitir música americana e a televisão só apresentava programas americanos. As únicas notícias disponíveis vinham através da Voz da América e da Rádio Moscou. Foi assim que o povo chileno ficou sabendo que o Presidente Salvador Allende e muitos políticos eminentes tinham morrido.

As lutas continuaram por vários dias. Podia-se ouvir, o tempo todo, o barulho de tiros e explosões. Três dias após o golpe, caminhões militares vieram até uma fábrica perto de minha casa. Os operários, que tinham permanecido no local de trabalho em obediência à ordem da Junta Militar, foram chamados para fora e implacavelmente fuzilados. Cinco dias após o golpe, afrouxou-se o toque de recolher, permitindo-se que o povo saísse durante cinco horas. Mesmo assim, era perigoso andar pelas ruas, porque ainda havia focos de resistência armada, leais ao Presidente Allende. Mas o povo precisava ir fazer compras e se abastecer. Durante a viagem de ônibus até o mercado, fomos barrados várias vezes por patrulhas militares que examinaram os documentos de todos. Por duas vezes, o ônibus precisou parar porque uma multidão bloqueava o caminho: estavam assistindo ao fuzilamento de estudantes, operários e políticos, por pelotões do Exército.

Pessoalmente, eu nada tinha a temer. Nunca me metera em política nem pertencia a nenhum sindicato. Além do mais, eu achava que àquela altura ser entendido era uma espécie de garantia. Mas essa suposição começou a se desfazer logo que foi transmitida uma portaria pelo rádio e TV, proibindo cabeludos, barbudos e mulheres de calças compridas. Tais costumes "marxistas" deviam desaparecer do Chile... No dia seguinte já se podia comprar pão no meu bairro. Enquanto nós esperávamos na fila, um pelotão militar nos cercou; os soldados agarraram os homens cabeludos e as moças de calças compridas, de tal modo que muita gente saiu até machucada. Sobraram apenas cabelos cortados e trapos pelo chão.

Uma semana após o golpe, a Constituição e as leis estavam suspensas, o Parlamento tinha sido fechado e havia ordens-de-prisão contra senadores e deputados dos partidos ligados ao antigo governo. Nesse mesmo dia, a companhia telefônica, que tinha sido nacionalizada, foi devolvida à ITT americana. Assim, cem anos de democracia e liberdade eram enterrados por tempo indeterminado. Telefonei para alguns amigos, tentando saber outras notícias; a situação parecia a mesma, por todos os lados: morte, pânico e brutalidade. Era difícil acreditar que aquilo estava acontecendo em meu país; sim, o fascismo sobrevivia e estava arrastando o Chile. Quantos amigos teriam morrido, quantos teriam sido agarrados pelas patrulhas? Essa gente não fazia guerrilha nem política: eram apenas artistas, escritores, gente de idéias progressistas. Eu sabia que muitos e muitos dentre eles eram homossexuais. Isso tudo me horrorizava.

Por telefone, um amigo me perguntou se eu sabia o que os milicos andavam fazendo com as bichas. Respondi que não sabia. Aí meu amigo me contou: "Eles estão a fim de botar a bicharada toda em campo de concentração. Me disseram que outro dia três bichas pegaram uns soldados e foram todos para um bar conversar. Os soldados deixaram endereços e foram embora; o de sempre, claro. Quando as bichas saíram do bar, toparam com um pelotão lá fora. Os três soldados apontaram para as bichas, que foram agarradas e levadas embora. Até hoje não se tem notícia delas. Portanto, vê se toma cuidado." Aos poucos, passaram a circular mais e mais histórias desse tipo. Os militares começavam a queimar toda literatura considerada marxista, que encontravam nas livrarias e nas casas. Queimaram até livros sobre cubismo, achando que se tratava de propaganda sobre Cuba e Fidel Castro. Uma portaria foi baixada proibindo material pornográfico no país — incluíam-se aí fotos de homens nus, material relativo à sexologia, revistas para homens, tanto nacionais quan estrangeiras. Foi assim que Marx e Hugh Hefner do **Playboy** *acabaram juntos na mesma fogueira.*

Logo que voltaram a circular, os jornais puseram-se a acusar os marxistas, homossexuais e delinqüentes de elementos perniciosos à sociedade. Depois disso começaram as batidas policiais nos lugares entendidos. Todos os pontos freqüentados pelas bichas foram fechados e seus funcionários, na melhor das hipóteses, acabaram indo para os campos de concentração. No Chile, as bichas administravam 60% das casas de prostituição; ficamos sabendo que elas todas foram mortas. Nesse período, aliás, começaram a aparecer cadáveres boiando nas águas do Mapocho, o rio que atravessa Santiago. Tratava-se de gente fuzilada pelo Exército. Muitas pessoas pagavam garotos que usavam umas varas para puxar os cadáveres até às margens; com isso, os familiares buscavam encontrar seus desaparecidos. Quantos desses seriam homossexuais? Quem poderia dizer... Ao mesmo tempo, muitos cidadãos inofensivos entraram em pânico, ante a brutalidade fascista; para conseguirem a simpatia dos novos senhores, eles denunciavam tanto as pessoas de idéias progressistas quanto aquelas suspeitas de serem homossexuais.

O toque de recolher deixava agora tempo disponível entre as 7 da manhã e as 9 da noite. Então a gente podia visitar os amigos; é verdade que precisávamos tomar cuidado em não ter mais de duas visitas em casa: isso poderia ser considerado uma reunião subversiva e merecer denúncia de algum vizinho. Meus amigos começaram a insistir em que eu destruísse minhas fotos de nus masculinos. Parecia-me terrível a idéia de queimar doze anos de trabalho; mas eu estava apavorado e acabei jogando no fogo dois terços da minha coleção. O resto foi salvo por um dos meus modelos que era da polícia e se ofereceu para guardar uma parte dos negativos no seu armário do posto policial.

Em novembro, as piscinas reabriram; assim como as praias, era aí onde, tradicionalmente, mais se paquerava no Chile. Desta vez, porém, as piscinas ficavam cercadas por policiais de uniforme cinza e metralhadora, tornando-se impossível paquerar ou mesmo encontrar amigos; por causa do estado de guerra interna, subsistia a proibição de formar grupos. Muitas vezes também, corria-se o risco de paquerar policiais à paisana; com isso, podia-se ir diretamente para a cadeia. Em certas circunstâncias, os homossexuais podiam fazer pegação à vontade, em lugares mais freqüentados por turistas; buscava-se, assim, dar a impressão de que "a liberdade tinha sido reconquistada no Chile". Mas quando saíam desses lugares, as infelizes bichas eram imediatamente agarradas por uma patrulha militar ou pela polícia secreta.

Havia muitos casos de gente presa que a família não conseguia localizar. Como única e derradeira resposta, os familiares recebiam das autoridades um pacote com as roupas da pessoa desaparecida. Se os parentes protestavam que a pessoa não era marxista nem homossexual, as autoridades davam sempre a mesma desculpa: "Somos todos humanos. Também cometemos erros".

Segundo os novos donos do poder, "a liberdade foi restaurada com a queda do regime marxista do Presidente Allende". Na época em que deixei meu país, a Junta Militar afirmava que os únicos adversários das Forças Armadas Chilenas estavam tentando organizar guerrilhas para lutar contra o regime. Naturalmente, diziam eles, os guerrilheiros eram todos marxistas homossexuais.

(Artigo do Chileno Carlos Manuel publicado na revista norte-americana "Vector", em junho de 1974. Tradução: João Silvério Trevisan)

REPORTAGEM

Buenos Aires: dois policiais por quarteirão

Na Argentina já houve um dia uma Frente de Libertação Homossexual, ativa durante muitos anos, se bem que restrita a uma pequena elite. Ela se salientou sobretudo no breve período libertário do governo Cámpora, quando chegou até a participar de manifestações públicas. Daí porque não foi surpreendente, sabendo que seus membros tiveram de partir para o exílio, encontrar um deles no Brasil. Conheci M. e a primeira coisa que ficamos sabendo foi sobre Buenos Aires:

— É uma cidade tomada. Existem dois policiais por quarteirão, no centro. Os pontos de paquera estão vazios. Buenos Aires vive mergulhada na paranóia. Isso ocorre não só com os homossexuais, evidentemente. Tudo lá é perigoso.

Paquerar é delito. Delito por comércio carnal. Contravenções definidas em Portarias Policiais: "exibir-se em via pública ou lugares públicos vestido ou disfarçado com roupas do outro sexo" (Portaria de 1949); "incitar ou oferecer-se publicamente ao ato carnal, seja qual for o sexo" (mesma portaria). Condenação prevista em decreto de 1946: depois de advertir o "pederasta" (sic) por duas vezes, pune-se com prisão que pode chegar a 30 dias — sem possibilidade de substituição por multa. Evidentemente, essas diretrizes valem até hoje.

(M. fala dos dramas). Estava caçando na estação ferroviária. Conheceu um rapaz. Logo que chegaram ao ponto de ônibus, foram inesperadamente cercados por quatro homens, policiais à paisana que lá estavam exclusivamente para "moralizar". Como os homens gritavam, formou-se uma pequena multidão em volta. Na verdade, o interrogatório dos dois rapazes começou ali mesmo, em separado. Desgraçadamente, M. e o rapazinho não tinham tido tempo de fazer algo primordial em qualquer paquera: **el minuto,** ou seja, inventar rapidamente histórias sobre amizade antiga entre ambos. De fato, eles caíram em contradição nas respostas. Pior ainda: o rapazinho era menor. Chegaram várias rádio-patrulhas, uma verdadeira operação policial. Os dois contraventores foram levados em carros diferentes. Enquanto rodavam a esmo, os policiais faziam insinuações de suborno. Na delegacia, o chefe os esperava com o Código Penal aberto: M. estava sendo acusado de corrupção de menores. Em torno deles, 10 policiais olhavam a cena deliciados. M. negou com veemência que tivesse feito propostas indecorosas ao outro rapaz. E só escapou porque encontraram sua credencial da Assembléia Legislativa, onde trabalhava. Bastou um telefonema e um deputado. M. foi liberado. Até quando?

O período mais repressivo foi sem dúvida o governo de Isabelita Perón e seu tenebroso Ministro do Bem-Estar Social, Lopez Rega. Ele organizou o grupo pára-militar chamado Triple A, com fins políticos e moralizadores. Em 1975, **El Caudillo,** jornal oficial desse Ministério e porta-voz da direita peronista, publicou violenta matéria contra os homossexuais argentinos, sem esquecer de mencionar particularmente a Frente de Liberação:

"Temos que acabar de vez com os homossexuais. Precisamos formar Esquadrões de Vigilância que façam uma limpeza nas ruas e agarrem esses indivíduos vestidos de mulher. Devemos cortar-lhes os cabelos e deixá-los amarrados em árvores, com cartazes dependurados, explicando os motivos. Não queremos mais homossexuais. Que eles partam para as nações amigas."

A homossexualidade é tida como parte de uma conspiração comunista: **"O marxismo utilizou e utiliza a homossexualidade como um instrumento para sua penetração e como aliada para seus objetivos. Mas todo mundo sabe que nos países comunistas os maricas são tratados como um verdadeiro vício social, daí marginalizados, exterminados e vistos exatamente como são: um grande mal. (...) Os marxistas exportam a homossexualidade mas tomam cuidado para não tê-la dentro de casa.**

Em relação àqueles invertidos que já existem entre nós, propomos que sejam enfiados em campos para reeducação e trabalho forçado, de tal modo que responderão a duas necessidades de uma só vez: serão separados do resto da sociedade e compensarão o País pela perda de um homem útil."

A ameaça não se restringe, evidentemente, aos homens:

"As mulheres que vão contra a corrente (...) são metade machonas e metade marxistas. Trata-se dessas que andam por aí em motocicletas, pensando que são iguais aos homens. (...) Tomam hormônios masculinos, têm voz grossa e mais de uma vez participaram em atentados contra a vida de policiais e soldados."

E eis o grito final:

"É preciso acabar com os homossexuais. Devemos trancafiá-los ou matá-los."

México: que viva el macho

É um país muito estranho, o México. Com quase três mil quilômetros de fronteira aberta com os Estados Unidos, pode ser invadido à velocidade de 50 quilômetros por hora — o ritmo dos tanques americanos. Precisa dos Estados Unidos em tudo, inclusive, para o turismo: o México, vende até a "mexicanidad" aos gringos, de tal modo que corre o risco de se folclorizar cada vez mais, matando a verdadeira expressão cultural de suas variadas e ricas etnias. Trata-se de um país que, apesar dos sucessivos massacres, ainda é, basicamente, feito de índios, fato que lhe propicia uma nacionalidade muito enraizada e original. São esses dois elementos, entretanto, que formam o grande paradoxo mexicano: a invasão permanente dos americanos (já desde os antigos territórios perdidos, como a Califórnia e o Texas), e a defesa nacional encastelada na célula familiar, núcleo de preservação de seus valores culturais.

Por um lado, a ameaça de descaracterização e perda de identidade; lembro do meu espanto ao ver na Cidade do México, aqueles garotões com cara de índio, cabelos compridos, calças largas axadrezadas, equilibrando-se sobre os sapatos de plataforma altíssima (então no auge da moda). Por outro lado, existe a ameaça da xenofobia. Daí porque não é fácil ser homossexual nesse país: anda-se numa corda bamba. A moda do "gay liberation" pode atingir o México, com a mesma voracidade das demais modas. Mas se um homossexual precisa defender-se dos modismos americanos, também deve enfrentar a barreira nacionalista-familiar, fortíssima em todo o país, inclusive, na capital (um monstro de 12 milhões de habitantes).

O mexicano está sempre agarrado à família, com um cordão umbilical, dificilmente seccionável; se não mora com os pais, vive com algum parente (existe sempre um "compadrito" disponível) — e deve pagar tributos à tradição moralista. Daí porque muitas bichas têm os seus cubículos só para programas: em geral, um grupo de amigos aluga em comum quartinhos de empregada que ficam no terraço dos edifícios, separados dos apartamentos. A extrema clandestinidade daí resultante cria, naturalmente, problemas novos: proliferam os michês — chamados CHICHIFOS — geralmente perigosos e chantagistas, enquanto a polícia, por sua vez, fica sempre vigilante para dar a famosa mordida, uma instituição nacional tão importante quanto o PRI (partido do governo). Como ganham pouco, alguns policiais buscam completar o salário com las mordidas, ou seja, praticam extorsões em todos os níveis. Por isso, deve-se tomar especial cuidado na época de Natal: os policiais precisam de dinheiro extra para os presentes à família.

A alma dos mexicanos é complexa. As sucessivas invasões e perseguições deixaram marcas de cicatrizes e silêncios seculares. Sua ternura é tocante — abraçam-se, tocam-se, beijam-se. Mas não conheço nenhum país tão adoecido pelo machismo, onde a mulher é total objeto de consumo e sofre todas as formas de repressão. O homem tem seu protótipo na figura do charro de chapelão, a cavalo, orgulhoso e valentão — uma figura tão folclórica no México quanto a baiana no Brasil. Na verdade, ser muy macho é uma autêntica virtude nacional. Ao contrário, ser maricón, joto, puto ou loca merece as piores humilhações. De fato, são bastante comuns as batidas na Zona Rosa — lugar chique da cidade, muito freqüentado por homossexuais. As poucas boates entendidas, também gozam da mais completa insegurança. É sabido que já entre os antigos astecas havia punições terríveis para o cuilone (termo natural para designar a bicha); entretanto, por mais paradoxal que pareça, os primeiros espanhóis se espantaram com os costumes astecas: homens se vestiam como mulheres para se prostituírem, orgias masculinas eram comuns no centro do país e a prática homossexual fazia parte dos hábitos sacerdotais. Cortez escreveu para os reis de Espanha: "Eles aqui são todos sodomitas".

Uma revista mexicana da atualidade reuniu um grupo de homossexuais de ambos os sexos, para falarem sobre suas vidas e seus problemas. Na verdade, tratava-se de um fato nada comum na imprensa local. É verdade que todos apareceram com nomes falsos: três mulheres e três homens, de idade entre 30 e 50 anos. Aqui segue um pouco do que eles disseram sobre ser homossexual no contraditório país do machismo.

* *Por que vocês são homossexuais?*

— *Martha: Sou homossexual porque reajo, fisiologicamente, assim. Não concordo com as teorias psicanalíticas que dizem que a gente se torna homossexual por causa da educação ou graças a coisas que nos acontecem quando somos crianças.*

— *Arturo: Sou homossexual porque acho que essa é minha maneira de sentir. Existem homossexuais que precisam de psicanálise, mas isso nada tem a ver com suas preferências sexuais e sim com sua problemática interna.*

— *Ricardo: Sou homossexual porque nasci assim. Me custou muito aceitar isso. Me mandaram até para um psiquiatra; foi com ele que tive minha primeira experiência homossexual.*

— *Carmem. Acho que sou homossexual porque nasci assim. Mas por que fazer essa pergunta pra nós? Eu poderia perguntar, também, porque você é heterossexual...*

* *O que acham do ambiente homossexual no México?*

— *Martha: No ambiente homossexual tem um lado positivo, que é encontrar seus iguais. De negativo existem as pressões que sentimos e que nos deixam permanentemente humilhados.*

— *Carmen: O aspecto mais negativo é que muitas vezes dá impressão que os homossexuais não têm direito à sua dignidade. Eles se aceitam como seres deformados, como erros da natureza, ou, na melhor das hipóteses, acreditam que somos, emocionalmente, imaturos, como dizem os psicanalistas.*

— *Arturo: Esses aspectos negativos existem porque em nosso país estamos condicionados a deformações e sofremos fortes pressões sociais.*

— *Ricardo: O pior de tudo é que o ambiente homossexual está bastante prostituído. Já me meti com pessoas muito difíceis. Isso deprime a gente; especialmente, quando se quer algo mais do que uma mera relação sexual passageira, a gente acaba ficando decepcionado. Existe a parte positiva, de que somos um conjunto e com isso podemos nos defender.*

* *Como é que vocês procuram um parceiro?*

— *Rosita: A melhor maneira é procurar na roda de amigos. Nunca procuro gente desconhecida, porque acaba trazendo muitas complicações. No trabalho então, a gente corre o risco de se expor demasiado.*

— *Martha: Os encontros são sempre muito casuais. Já me aconteceu encontrar até mulheres heterossexuais que de algum modo queriam ter experiências homossexuais. Mas prefiro buscar uma relação estável.*

— *Carmen: Esse é um dos problemas mais graves para os homossexuais. Muitas vezes a gente prolonga relações já desgastadas, apenas por medo de ficar sozinha. Eu não gosto nem de desconhecidos nem de gente que busca satisfazer sua curiosidade. Uma liberalização social nos ajudaria muito. Poderíamos ter lugares específicos onde a gente iria se conhecer sem receio. Os heterossexuais criaram um mundo que favorece seus encontros, nós não.*

— *José Enrique: É muito difícil para os homossexuais encontrarem um parceiro num lugar específico. A gente tenta encontrar uma transa num bar ou em cinemas. Pode ser que daí nasça uma relação mais prolongada. Eu já tive duas experiências desse tipo, em lugares diferentes.*

— *Arturo: Aqui no México é muito difícil encontrar uma transa, porque não existem lugares propícios. Havia alguns que foram fechados (boates, por exemplo), e noutros, existe sempre o medo de uma repressão policial ou de chantagem.*

— *Ricardo: Eu acho que é fácil encontrar uma transa nos poucos lugares entendidos. O difícil é encontrar alguém para uma relação sentimental. Em qualquer esquina da Avenida Insurgentes, tem gente para transar. Mas a relação sentimental significa um compromisso e isso ninguém quer, só se pensa num passatempo rápido. Eu venho procurando isso a vida toda e ainda não encontrei.*

* *O que vocês pensam das batidas policiais contra os homossexuais?*

— *Rosita: Não acredito que as autoridades se importem muito com o homossexualismo. O que elas querem mesmo é obter lucros ou fazer publicidade em torno de seus nomes.*

— *Martha: A exploração de que somos vítimas, visa ao lucro e é alarmante. Não creio que essas agressões contra a gente possam acabar facilmente.*

— *Carmen: Faz algum tempo apareceu um documento muito importante, publicado nos jornais daqui. Um grupo de intelectuais se opunha, abertamente a que as autoridades continuassem dando batidas contra os homossexuais; diziam que isso não é motivado por nenhuma necessidade social. Mas sim por arbitrariedades, só para dar publicidade a determinados personagens políticos e funcionários do governo. Neste país, o homossexual tem sido considerado um cidadão de segunda classe e sofre uma repressão absolutamente anticonstitucional.*

— *José Enrique: Acho que nós mesmos facilitamos a existência de batidas e chantagens. Como temos medo no trabalho e em casa, então permitimos que façam chantagem conosco. É por isso que a polícia prende a gente com tanta tranqüilidade e nos ficha sem motivo. Não é delito ser homossexual. Então, se a gente enfrentasse a situação exigindo que se comprovassem as acusações, seria diferente. Mas como temos medo de chantagem, eles se aproveitam da gente.*

— *Carmen: No México, isso tudo se faz ilegalmente.*

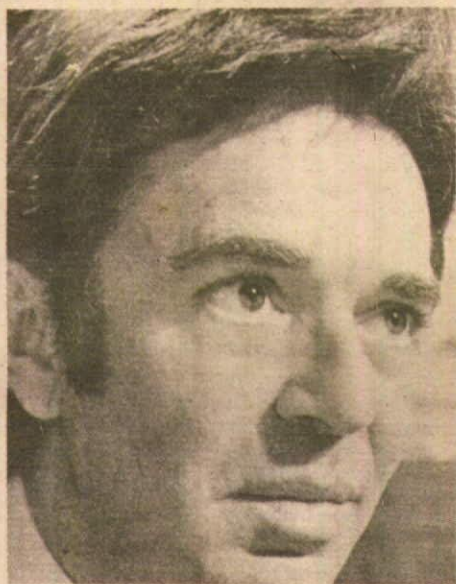
— *José Enrique: E por isso devemos dar um basta. Não sabemos sequer sob que acusação nos prendem. Deveríamos consultar um advogado para a polícia saber que estamos preparados. A gente deve se fazer respeitar pela polícia.*

— *Carmen: Acho que a polícia nos reprime como pretexto, para demonstrar que o poder ainda consegue fazer o que bem entende num país sem consciência política.*

— *Ricardo: Mas no México existem entraves em todas as partes, até na religião. Fui educado num colégio de padres; para poder me aceitar, passei por milhares de situações traumáticas que precisei vencer. Mesmo assim, se me perguntassem o que gostaria de ser, caso nascesse de novo, eu diria: quero ser homossexual. Porque é muito gostoso.* (Entrevista publicada na revista "Sucesos para todos", n.º 2218, 1975. México. João Silvério Trevisan)

Leia à página 16 um capítulo do romance "O Beijo da *Mulher Aranha*", do argentino Manuel Puig

Chico Buarque e Emiliano Queirós apresentam

Genivaldo, a malandrona

Opera do Mendigo (John Gay, Inglaterra, 1728). **Ópera dos Três Vinténs** (Brecht, Alemanha, 1928). **Ópera do Malandro** (Chico Buarque de Holanda, Brasil, 1978) — esta a tajetória no teatro de uma fábula que conta a doença mais antiga do Homem: a corrupção do indivíduo pelo indivíduo. O que varia é a forma, hoje mais sofisticada, cada vez mais amparada pela legalidade, e pela omissão de todos nós. Uma verdadeira ópera. A nossa, a do Malandro, tem de tudo um pouco. Ao adaptar a verdade maior à nossa, específica, brasileira, Chico, malandro que é, modificou determinados personagens, que pudessem, desta forma, representar diretamente nossas malezas tupiniquins, nossos preconceitos e limitações latinas.

É o caso de Geni. Em Brecht era Jenny, mulher, prostituta e traidora; em Chico é Genivaldo, a bicha, a desprezada, a condenada pelo preconceito, também traidora, mas por amor. Emiliano Queirós, que a interpreta no palco do Teatro Ginástico (Rio de Janeiro), nos fala do personagem, por quem se diz apaixonado. E dá a sua explicação para o sucesso da peça: é pelo mutirão do elenco, todo ele unido e coeso. Essa explicação tem um nome: Chico Buarque de Holanda, mistura ideal, segundo Emiliano, de três elementos: talento, amor e fascínio. Principalmente fascínio, razão maior para que este grupo de pessoas, separadas pelo dia a dia da profissão, se reencontrasse agora, unido por um objetivo comum: o teatro.

Emiliano está no camarim, já se preparando para entrar em cena. A cara e os cabelos besuntados, ele se levanta, elétrico, quando entro. Seus olhos brilham, seu sorriso é franco, mas prescrutador. Explica-se: ele é vítima dos entrevistadores. Recentemente houve uma repórter que passou todo o tempo perguntando se ele era bicha, sem nunca fazê-lo diretamente, mascarando a pergunta básica, sem **barra** para fazê-la. E pouco ou nada quis saber do seu trabalho, do ator, da pessoa de Emiliano. Sabendo disso, apressei-me, antes de mais nada, em dizer-lhe, com sinceridade, que o acho um grande ator, e que só queria saber um pouco de sua "pessoa". Desarmado, ele começou a falar aos arrancos, dramático, tal como se estivesse representando.

— Não tenho uma resposta definida para o rumo das coisas, no que se refere ao meu personagem. Quando começamos a montar a Ópera, o fizemos, o mais que pudemos, a partir do texto de John Gay. Fiz todos os tipos que correspondessem a Geni, desde a forma Jenny, de Brecht, até Madame Satã, a Rainha da Lapa. Este foi o processo dito intelectual, de mim para o personagem, conforme orientação de Chico e de Marieta (Severo), e o contato direto com todo o elenco. Quando passei à fase da formulação física de Geni, com Fernando Pinto e Glorinha Beuttmüller, é que vi o quão Geni era forte, era significativa. Mas me faltava saber o quanto eu tinha a ver com ela. E eu tenho tudo a ver. Assim se deu a paixão recíproca, minha e de de Geni pela **Ópera do Malandro**. E entre nós dois, principalmente, porque ela me transportou há dez anos atrás, quando vi o Veludo, em **Navalha na Carne**. Veludo era também um homossexual, com quem, do mesmo modo, dei-me bem no palco, salientando, conscientemente, a minha fragilidade pessoal de então. Hoje, é como se Veludo tivesse evoluído. Porque agora sou uma pessoa mais despedaçada e, do mesmo jeito, mais feliz.

Sempre banquei, eu mesmo, a minha vida. Saí do Ceará com dezesseis anos. Queria ser ator; se não desse certo, eu estaria hoje como a Marisa (a prostituta da Ópera, que se rebela contra o gigolô): na pior, na regra três do Mangue. Apenas, em vez de estar na Lapa, na Boate Casanova, estou aqui, no Ginástico. Em vez da tatuagem na bunda, tenho a fantasia do palco. Mas seria sempre eu — como sou, aqui e agora. Porque sou ator em todos os momentos e minha cultura foi-me dada pela vida.

— Nesses termos, Geni teria aparecido na hora certa. Sim, no momento exato. Ano passado eu viajei pelo mundo. Fui a muitos países, até mesmo ao Japão, para viver e aprender um pouco mais sobre o teatro. E a maior lição foi saber como é pequena a importância do descondicionamento do ator em cena. O que ele tem de fazer é **ser** o personagem. Quando voltei, estava excitado, todos os sentidos prontos, no ponto certo. E foi quando surgiu Equus, no Teatro do BNH (Rio). Entrei na peça para ficar apenas cinco dias, substituindo um ator. E fiquei até o final da temporada. Eu era o único, no elenco, que já tinha feito análise, e que tinha, na vida real, um filho com dezessete anos, bem do jeito do personagem de Ricardo Blat, que contracenava comigo. Assim, eu tinha o condicionamento ideal para o trabalho. Descobri a peça em cena, representando, como numa espécie de auto-análise. Mas aquele Emiliano era antes. Hoje, eu quero é mais. Aliás, eu quero dizer que continuo fazendo análise. Sou uma pessoa que deseja gozar todas as coisas e, por isso mesmo, sou vulnerável ao extremo. Todavia, a análise só tem a ver comigo até os limites do compromisso com o permitido. Só preciso do analista para me por em casa em segurança, para me pôr no avião e sair dele tranqüilo. Quando tiver de assumir o meu comportamento face às regras do jogo social, face à violência e o preconceito das pessoas — nesse momento eu quero ser eu mesmo, sem nenhum controle ou influência.

— Os graus de relacionamento entre ator e público? As pessoas não nos cobram nada. É o ator quem se compromete com elas. O ridículo, quem o procura somos nós, quando ansiamos **agradar a todos, como um mendigo**, em nosso caso, suplicando aplausos e palavras elogiosas da crítica. Mas eu não estou nessa de me prostituir. Não serei eu quem vai dar a bunda para sair na revista Amiga... O que me interessa é ser gente. Porque se o cara for meleca, ele o será sempre, como ator ou como pessoa. É claro que existem as **barras** brabas para se enfrentar. Como os garotões de Ipanema, que jogam o carro em cima de mim, na calçada, e gritam, com as gatinhas ao lado deles excitadíssimas: "Sai daí, ô bicha louca da TV-Globo!" Mas que se f.... que me joguem bosta, como todos fazem com a Geni. Porque o troco é imediato: à noite, no Ginástico, vem meu filho, um garotão maravilhoso, e traz seus amigos, jovens como ele, que me curtem paca; e **uma dupla de senhores de idade avançada, que,** uma noite dessas, veio ao meu camarim para me cumprimentar.

— Mas o que mais incomoda é a leseira da classe teatral. Os atores que pensam que são eles o laboratório existencial do público, quando é ao contrário. E que vivem repetindo que o teatro é cansativo. Ora, representar diariamente é como uma trepada, dia a dia, com a pessoa que se gosta: cada vez mais sofisticada, mais gratificante. O que se tem de saber é que o ator não é um masturbador em cena, é preciso haver a troca, a identidade com o público.

— Porque o teatro é uma palhaçada, uma divina e maravilhosa brincadeira. É assim, nesse estado de espírito, que entro em cena todos os dias. Nada nos obriga, atores ou platéia, a permanecer ali, representando ou assistindo. Todos têm o direito de ir embora quando o desejarem. O que acontece é que nós, os atores, fazemos com que eles, a platéia se esqueçam de que vão morrer um dia, que tudo vai acabar um dia, que o pano vai cair irreversivelmente um dia. E nós também esquecemos, nós, os atores, que também morreremos, que seremos platéia também. Por isso é que, na minha opinião, o ator tem que estar com as pessoas, na rua, no cotidiano. Porque a diferença básica entre nós é uma coisa chamada impunidade. Eu explico: quando sou Geni, no **palco, estou imune às leis bloqueadoras da sociedade. Pela natureza do meu trabalho, pelo fato de ser um ator, Emiliano Queirós tem toda a permissividade do mundo. Ali eu posso ser, sem censuras, um homem de quarenta anos com os pés no futuro. Posso abrir as pernas e esperar que eles venham. E são eles próprios — a sociedade que, fora do teatro forja a opressão — que ali, dentro, zelam para que o meu direito de manifestação seja respeitado. Porque lhes é útil; e a nós atores também.**

— Geni é toda música no palco. E a música tema de Geni tem uma história surpreendente. Quando Chico **pintou** nos ensaios, não havia inda essa música, a de Geni. Ele o fez, especialmente. Foi uma loucura. Se muito bonita, a versão primeira não tinha muito a ver com a visão que eu tinha de Geni e de mim mesmo. Briguei muito para modificá-la, discuti com o John Neschling (maestro), cheguei mesmo, um dia, a bater o pé e dizer: "Não canto!" Até que o maravilhoso Chico Buarque veio e disse: "Como é que você quer?" E saiu essa obra-prima, do jeito que eu sinto Geni: ao sabor das emoções, do jeito da remelenta Marisa e da rainha Satã, sentimentos opostos — como o da traição, que Emiliano não concebe no **amor**, mas que Geni, toda brilho, nos faz esquecer. Principalmente a mim, a pessoa Emiliano, para quem o amor é dar todos os poderes para o objeto de nosso afeto.

(As pessoas batem à porta. Falta pouco para ele entrar em cena. Rápido, ele lava a cabeça e pede que eu não me vá; há um "furo de reportagem" que quer me comunicar. Feira Livre, de Plínio Marcos, que ele vai encenar, marcando a sua estréia como diretor de cena. O elenco feminino ele já escolheu: Maria Letícia (sua mulher, recém saida do conservatório), Louise Cardoso e Catalina Bonaky, entre outras. Falta o elenco masculino, que ele ainda está sondando. Ele me abraça, novamente; me beija o rosto, com amizade. Somos amigos. Assim, fica no ar a pergunta, que não fiz — não por covardia, mas por achá-la canalha, impertinente. Fica no ar, até que os homens de boa vontade e melhor coração a joguem no lixo, por imprestável. A pergunta — "você é bicha?" Ser ou não ser (bicha), esta não é a questão. Principalmente para pessoas assim, especiais, como Emiliano. Carlos Silva)

'Mônica Valéria', uma vida em segredo

Meninote, L. C. T. da S. tornou-se, sob o nome de Mônica Valéria, uma espécie de **bicha nacional**, *da cidade de Carangola, Minas. Escudado nas iniciais do seu verdadeiro nome por medo da polícia, L.C.T. da S. explica que Mônica Valéria surgiu, ainda em Carangola, como "um pseudônimo que tirei do ar; me perguntaram meu nome de guerra, inventei esse e ficou". De fato, num meio restrito e de múltiplos preconceitos como a Carangola de alguns anos atrás, Mônica Valéria só não se transformou no bôbo da corte da sociedade constituída porque, como ele mesmo diz, "briguei muito, apanhei e bati, arrebentei com tudo que não queria que eu virasse gente". Hoje, aos 33 anos, no Rio desde 62, Mônica é empregado doméstico, já trabalhou de faxineiro em bancos e na Petrobrás, fez a vida nas calçadas da Lapa, onde se travestiu "por gosto e pra não morrer de fome". É negro, bicha e pobre. Agressivo, quase sempre. Gentil e alegre quando com gente em quem confia. Passou o cão nas mãos da polícia, "clientes" e patrões. Mas ao ouvir Maysa, Dalva de Oliveira, Carmem Costa, Billie Holliday ou Ella Fitzgerald — suas cantoras preferidas — é capaz de se comover e abrir um lindo sorriso no rosto miúdo e negríssimo, cujos únicos traços evidentes de amargura sãos dois vincos fundos, entre o nariz e os cantos da boca sensual. Tendo feito apenas o curso primário, é extremamente vivo e articulado. O que segue são suas próprias palavras, tiradas da gravação de uma conversa que tivemos recentemente.*

(Antônio Chrysóstomo)

— Heim, eu, sensual? Sexo? Gosto de sexo sim, porque não vou dizer, uai? Todo mundo gosta de sexo mas não fala. Eu gosto, faço e falo. Desde menino que sou assim. Só que na minha terra eu era muito discreto. Passava todo mundo na cara. Não contava pra ninguém. Fiz quase todos os homens importantes de lá, aqueles doutores, aqueles fazendeirões. Teve caso que fiz o avô, fiz o pai e quando voltei fiz o neto. Nisso mesmo é que não posso me queixar. Tive todos os que quis, desde menino. Quando não eram eles que me cantavam, eu chegava e dizia "vai lá em tal lugar assim-assado em tal hora, que tou te esperando. Se não for, dou escândalo!" Mas quase não era preciso. Eles é que vinham loucos por mim.

— Só tenho um desgosto. Adoro música, queria ser cantor, pianista. Minha madrinha, uma mulher de posse, muito boa, me botou pra estudar no Conservatório de Música de Carangola. Então as mães começaram a tirar as crianças porque tinha eu, uma bicha preta, estudando lá. Aquela pobreza. Meu pai colono de fazenda de café. Minha mãe uma coitada, empregada doméstica, cheia de filho. Eu sem poder estudar música, porque as mães das outras crianças não deixavam. Vim pro Rio em 62. Fui trabalhar na casa da Marion, aquela cantora que imitava a Carmem Miranda nos filmes nacionais. Mulher danada, mal educada, uma bruxa! Tomava bolinha. Jogava muito e perdia um dinheiro que não podia perder. O amante também mamava dinheiro dela. Um dia me chamou de bicha escrota. Eu era bicha, mas sabia o que eu era. Já ela é toda postiça, de cílios e unhas postiças, peruca, enchimento, cinta, tudo falso. Daí fui pra casa do Bené Nunes, o pianista do presidente Juscelino. Bené já tinha um problema de regime pra emagrecer. Mandou servir café com leite. Eu servi com açúcar. Não podia, mas ninguém tinha me avisado nada. Ele me xingou de urubu, na frente dos outros. Além de grosso, não gostava de tomar banho.. Joguei a xícara pro alto e fui embora.

— Saí do Bené quase sem dinheiro. Fui trabalhar no Flamengo, na casa de uma família mineira, muito boa mas pão-dura. Uma noite vim pra frente do Automóvel Clube, na Cinelândia, e perguntei prum estranho: "o que é aquele pessoal na calçada ali?" Ele me explicou que eram bichas, convidou preu me maquiar, botar peruca. Já gostei né? Topei. E comecei a fazer a vida. Uma vez dancei no 3º Distrito Policial. Lá conheci a Mafalda, a May Britt, a Virna Lizzi, me dei bem. Mas a polícia sempre deu em cima. Prendem a gente à toa.

Documento de bicha pobre é grade. Eles põem a gente no camburão e falam pro Comissário que a gente é vagabunda, mesmo com documento, carteira assinada na bolsa. Diz que a gente faz bagunça, diz que bicha só fala palavrão. Se não falou, inventam. Na Rua do Riachuelo me joguei dentro duma caixa d'água no meio duma blitz da polícia, numa casa de cômodos onde eu morava. Noutra casa, na Rua do Rezende, me prenderam e abandonei o quarto com tudo que era meu lá dentro. Roubaram. Levaram tudo, enquanto eu estava na cadeia. Ganhar eu ganhava, ora se não! No princípio, cinco ou seis fregueses por noite, a mil e quinhentos cruzeiros cada um. Dinheiro velho, daquele que valia mesmo! Nunca dei suadouro (roubo) em ninguém. Só uma vez um bofe não quis me pagar e eu aprontei um freje, rasguei ele todinho. Outro me disse que não tinha dinheiro. Topei ir na base da micharia. Ele dormiu. Olhei na carteira e tava assim de nota graúda. Acordei ele botei pra fora de casa. Mas esse tal, antes de despachar, peguei uma gilete e disse que ia me cortar toda, dar queixa na polícia, se ele não me pagasse direito. O bofe medrou do escândalo e me deu os trezentos cruzeiros que eu precisava pra pagar o quarto.

— Coisa diferente tem muita. Já vi cada tara... Uma vez, no Carnaval, eu queria ir no baile do São José e tava dura.Fiquei na porta do baile toda maquilada, de peruca, vendo se aparecia um conhecido pra me convidar. Apareceu um coroa que eu nunca tinha visto na vida. Me levou pro hotel. Um sujeito esquisito, com pinta de machão, mal-encarado.

Botou uma navalha na beira da cama. Eu de peruca, afastava minha cara da dele pra não atrapalhar a minha maquilagem.

Uma vez, um cana que já tinha transado comigo me deu um tapa na cara dentro do distrito. Que moral tinha esse homem pra fazer isso comigo? Eu sou respeitador, mas não me desrespeite! Joguei uma máquina de escrever pro alto, joguei o telefone na cara dele. Até que eu estimava ele. Só errou de me dar tapa na cara sem eu eu ter feito nada demais.

— Absurdo o que a polícia faz na Praça Tiradentes. Alguns da PM prendem as bichas pra tomar o dinheiro delas. Outros do distrito entram no cinema Íris, pintam e bordam, não querem nem saber se tem documento, se tem Lei. A gente só se pinta depois que entra, dentro do cinema, prá não afrontar as famílias do lado de fora. Se não fosse a polícia e os marginais agindo junto com os lanterninhas, inventando flagrante e roubos para arrochar as bichas, era pro ambiente do Íris ser até bem civilizado. Tem cara que se sente só, com problemas na família. Vai no Íris pra conversar, trocar idéias... hem? Claro que também tem bicha marginal, que não presta. Mas tem cara que sai com a gente do cinema, paga lanche, leva pro bar e conversa. Só isso. Já entrei com o dinheiro do ingresso e acabei jantando de graça sem fazer nada com ninguém. Os lanterninhas é que combinam com os marginais. Eles roubam dentro do cinema e jogam a culpa nas bichas quando alguém se queixa com a polícia.

— Tem um comissário, chamam de Black, que é o terror da Praça Tiradentes. Prende bicha, toma dinheiro, bate e manda embora. Se reclamar, somem com o viado. Tem uma, a Carminha, um travesti lindo, moreno, precisava de ver, que arranjou encrenca e sumiram com ela. Acho que seqüestraram, levaram pra São Paulo. Coitada da Carminha. Nunca mais ninguém ouviu falar nela. Tudo depende do destino de cada um. Uns nascem pra rua. Não querem responsabilidade com trabalho. Outros trabalham de dia e de noite se viram. Cada um com a sua sina. A gente tá aqui de passagem, nesse mundo. Sempre fiz o bem e sempre adorei minha vida de homosseuxal. Nasci com essa intuição, graças a Deus. Sempre tive sorte, sorte com homem que muita mulher não teve igual. Sou feliz. Me realizo sendo bicha. Bicha é o de menos. A vida é que é fogo. Mas não é porque a gente leva uma porrada que vai dar outra. Não tenho raiva de ninguém. Só que quero agradecer à família de Carangola pra quem minha mãe trabalhou 43 anos e que no fim botou o corpo dela num caixão vagabundo, daqueles que fiquei vendo o rosto dela o tempo todo, que não dava nem pra fechar a tampa direito.

ENSAIO

A demolição da ecosfera

A economia humana é um aspecto parcial da economia da Natureza. As ciências econômicas, portanto, deveriam ser encaradas como aquilo que realmente são — um capítulo apenas da Ecologia. Entretanto, o passado remoto de nossa cultura nos legou uma filosofia de dicotomia Homem/Natureza. Baseado nesta visão dicotômica, o pensamento econômico que permitiu o aparecimento da atual forma de sociedade industrial e de seu auge, a Sociedade de Consumo, parte de um modelo absurdo, um modelo divorciado da realidade. Encara-se a Economia como se ela existisse em um plano que transcende a Natureza e que com ela não tem contato a não ser naqueles pontos em que ela é explorada como fonte gratuita de matéria-prima.

Tanto o mundo inorgânico, como o mundo vivo, com a única exceção do Homem — exceção esta que tem exceções — são encarados como simples matéria-prima. Nesta visão, o ambiente não é senão uma massa amorfa que só adquirirá forma significativa depois de manipulada pelo Homem, seu soberano.

Implicitamente, o modelo econômico vigente postula um fluxo aberto. Este fluxo é unidirecional e se move entre dois infinitos: num extremo, matéria-prima e energia inesgotável, no outro, capacidade ilimitada de absorção de detritos.

Uma vez que esse fluxo liga dois infinitos, segue-se, logicamente, que ele é indefinidamente ampliável em volume e velocidade — não se admitem limites para o "desenvolvimento" e o "crescimento econômico". Mesmo quando as circunstâncias já não mais admitem a negação de certos limites, supõe-se, simplesmente, que todos os recursos são substituíveis e que não há limites para a ingenuidade humana que saberá sempre superar todos os impasses.

Um modelo desta natureza solenemente ignora o funcionamento da Ecosfera da qual o Homem e todas as suas atividades são parte inextrincável. Este modelo é a causa da crise que atravessamos. A visão da economia como algo que transcende a Natureza, leva à cegueira ambiental por um lado e a contas fictícias e ilusórias por outro. E porque a Natureza não entra em nossas cogitações econômicas que não nos damos conta da gravidade de nossas agressões, não vemos que nos encontramos em pleno processo de desmantelamento da Ecosfera, cujo fim significará o fim também da economia humana.

O gaúcho José Lutzemberg (vide LAMPIÃO n.º 6), é uma das figuras mais importantes da luta que vem se travando no Brasil, atualmente, pela conservação da natureza. A partir desse número, nosso jornal publicará uma série de artigos de sua autoria, retirados do livro ***Fim do Futuro?*** *(co-edição URGS/Editora Movimento, Porto Alegre, 1977), sempre de acordo com a proposta inicial de LAMPIÃO, de abrir suas páginas aos assuntos habitualmente tratados com reservas pela grande imprensa. E a ecologia, com todas questões que dela resultam, é um desses assuntos tabus.*

A quase totalidade do que convencionamos chamar de "progresso" não é outra coisa que um incremento na rapina dos recursos naturais. A sociedade moderna é infinitamente mais destruidora do ambiente que algumas das sociedades antigas, extintas justamente porque fabricavam desertos. Sua expectativa de vida é, certamente, mais reduzida que a daquelas.

Enquanto o progresso da Vida, através das intermináveis eras da evolução, significava aumento constante do capital ecosférico, com aprimoramento progressivo da homeostase, o "progresso" do homem moderno não é senão uma orgia de consumo acelerado de capital, com aumento paralelo na vulnerabilidade do sistema. Em espaço de tempo curtíssimo dilapidamos e obliteramos o que a Natureza levou milhões de anos para criar e acumular.

Quando nos empolgamos com nosso fabuloso poderio tecnológico e nos orgulhamos do "domínio da natureza", nosso entusiasmo pueril nos torna cegos diante dos verdadeiros custos das modernas tecnologias e não nos permite ver nosso total incapacidade de repor, com a mesma facilidade, o que destruímos. A motosserra e o trator, que em minutos derrubam o gigante milenar, nos parecem um progresso extasiante, mas nos fazem esquecer que não há e nunca haverá tecnologia capaz de repor no mesmo lugar outro gigante em menos tempo que o que leva uma árvore milenar para formar-se.

Uma vez que não enxergamos os custos ambientais de nossas tecnologias, somos levados a contas incompletas e, portanto, erradas. Para tecnocratas, economistas e burocratas o dinheiro tornou-se a medida de todas as coisas — medida universal e exclusiva. Só é levado em conta o monetariamente quantificável. Mas o dinheiro, que representa apenas as regras de jogo da distribuição, entre humanos, dos espólios da exploração da Natureza, absolutamente nada tem a ver com avanço ou regresso ecológico, em nada reflete a saúde da Ecosfera, as condições de sobrevivência.

Chegamos assim a confundir desmantelamento da Ecosfera com criação de riqueza. A destruição de um banhado, a transformação da floresta amazônica em simples posto ou a derrubada das últimas araucárias, nas contas dos economistas, só aparecem como criação de riqueza, não aparece a descapitalização ecológica.

Como índice de progresso calcula-se o "Produto Nacional Bruto". Mas o PNB não passa de uma indicação do fluxo do dinheiro ou do movimento unidirecional dos materiais que este dinheiro movimenta. No cálculo do PNB nada se desconta. Não é descontada a descapitalização da Ecosfera. Ali não se debita o esgotamento da mina, o desaparecimento dos peixes no rio e nos oceanos, a perda do ar puro, os custos sociais. Mas, a descapitalização da Ecosfera é uma descapitalização real tão real quanto o embobrecimento de quem esbanja, despreocupadamente, seu capital monetário. O PNB é a soma aritmética do valor monetário das transações entre humanos, nada mais. O preço da madeira no mercado interno e as divisas de sua exportação são adicionadas sem que haja nenhum desconto pela descapitalização na floresta. Se, depois da exploração da madeira sobra um deserto, o PNB não leva em conta este fato. Ele apenas registra "criação de riqueza". Assim, a pessoa que mais dinheiro esbanja em futilidades, que mais materiais movimenta, que mais impacto ambiental negativo causa, que dedica suas energias para o incremento do PNB que a pessoa frugal, que dedica suas energias ao estudo e ao deleite espiritual, ao avanço da ciência, das artes, da harmonia social. Quando a saúde pública chegar a decair drasticamente em conseqüência da contaminação ambiental a desestruturação social, o PNB crescerá na mesma proporção que os gastos com remédios, médicos, psiquiatra, hospital e funerária. De fato, o PNB é proporcional à descapitalização da Ecosfera.

O valor que damos às coisas não reflete seus verdadeiros custos. O petróleo era barato porque seu preço apenas refletia os custos de sua extração, mais os lucros das companhias e os impostos dos governos. Seu preço não leva em conta sua ocorrência limitada, sua irrecuperabilidade e as centenas de milhões de anos que a Natureza levou para formá-lo. Criou-se, assim, toda uma infra-estrutura tecnológica apoiada no esbanjamento acelerado da energia "barata" e de matérias-primas igualmente "baratas". Algo assim como se, quem encontrou em seu terreno um tesouro enterrado, decidisse vendê-lo a um preço que cobrisse apenas os gastos do trabalho de desenterrá-lo, mais uma pequena margem de lucro.

Pecamos contra todos os preceitos da Ecologia. Não levamos em conta os requisitos de nossa própria sobrevivência. Já não se trata de mero desleixo tecnológico, facilmente contornável com um pouco de cuidado, de legislação reguladora e de algumas contratecnologias, como o controle mecânico ou químico da poluição. Estamos causando os estragos que causamos, não porque nossa tecnologia funciona mal, mas porque ela funciona exatamente como queremos que ela funcione. **Essa Política está cheia** de boas intenções, mas estas boas intenções tem suas raízes em postulados falsos. Demolimos a Ecosfera porque em nossa visão alienada não lhe damos nenhum valor. Queremos desmontá-la e consideramos isto "progresso". Arrasamos a Amazônia porque ali só vemos um "imenso vazio".

A causa profunda da crise não é tecnológica nem científica, é cultural, filosófica. Nossa visão incompleta do Mundo nos faz querer agredir o que deveríamos **proteger**

Achamos que devemos "dominar a natureza", lutar contra ela para não sermos por ela dominados. Acontece que a alternativa "senhor ou escravo" não corresponde à realidade das coisas. O caminho que a Ecologia nos indica é o de sócio da Natureza.

José Lutzemberger

Homossexualismo e ecologia

A princípio me parecia vago e abstrato o relacionamento entre homossexualismo e ecologia. A pretensa ligação decorreria da minha atuação coincidente nesses dois setores de atividades minoritárias. Porém conversando com o meu colega lampiônico João Silvério Trevisan soube de um estudo já feito nesse sentido por Allen Young, a cabeça homossexual pensante mais importante da contra-cultura norte-americana, estudo esse de que eu, na minha informação muitas vezes incompleta ou apressada, ainda não tomara conhecimento, apesar de manter correspondência esporádica com o autor.

Trevisan fez desse trabalho uma tradução que LAMPIÃO publicará futuramente. Em todo caso como Young, por coincidência, parte de princípios iguais aos meus e dele necessito para o que pretendo dizer, antecedo Trevisan usando em termos simplificados parte de tese do nosso amigo norte-americano.

O homem estruturou seu domínio na terra sobre duas forças: preservação da espécie e imposição do poder. Acontece que, apesar de se complementarem, a segunda decorrendo da primeira e conseqüentemente existindo para protegê-la, a partir de um certo momento inverte-se a função, a última destruindo a primeira com os elementos que dela recebeu e destruindo-se autofagicamente. Como tirei de ouvido a tese de Allen Young, já não sei mais onde termina o conceito dele e começa o meu, mas não existe razão para estabelecer limites quando o ideal é o mesmo. Nossa principal concordância é que essa imposição de poder é atributo potencialmente patriarcal e machista, enquanto o sentido amplo da preservação cabe ao lado feminino da espécie humana. Como toda imposição de poder modifica ou destrói o "status" anterior, o previsível e verificável é que tais mudanças deixam sempre profundas cicatrizes no homem e no meio em que ele vive. A substituição do que tenha sido destruído por novos conceitos e novos valores, mesmo em nome das boas intenções do progresso e da civilização, nem sempre estiveram ou estão de acordo com as estruturas vivenciais básicas porque poderio e progresso, em toda a História, sempre foram regidos pelo binômio, "homem contra homem" ou "homem contra natureza". Nada escapa desse binômio, nem mesmo as grandes fases da cultura da humanidade. A velha desculpa de que os fins justificam os meios, quando em face aos direitos humanos (tão em moda teorizá-los, atualmente...) deixa-nos, pelo fato de existirmos, com problemas de consciência pelo que já se fez e desfez com a remota escusa de preparar um mundo melhor.

É ótimo por exemplo sabermos que existiu uma grande civilização no Egito, de cuja cultura ainda hoje usufruimos, idem na Grécia. Não se nega a importância da Renascença, porém essas civilizações floresceram, assim como tantas outras antigas ou atuais, alicerçadas no trabalho escravo em benefício de uma elite prioritária, mesmo que hoje se costume dar "novos nomes aos bois" para justificar as atitudes totalitárias dos sistemas, sejam eles de direita ou esquerda.

Mas voltando à conceituação anterior, o homossexual seria o mediador entre o poder que constrói destruindo e a força passiva de preservação representada pelo matriarcado. Um ca- t[illegible]dor então das qualidades de ambas as partes e, por conseqüência o ser intermediário ideal na sociedade futura. Em tese, tudo perfeito; na prática, existirão algumas arestas a serem ainda consideradas e estudadas pelos futurólogos porque afinal, "nobody is perfect".

De qualquer forma não há dúvida que a estrutura social no mundo futuro precisa ser prevista e já iniciada por nós com a mesma urgência com que deveremos tratar os futuros problemas de sobrevivência da humanidade. O desequilíbrio que o homem vem impondo a natureza está revertendo diariamente contra ele e seu sistema social: a poluição industrial, se não for imediatamente controlada acabará em curto prazo com todas as formas de vida da água e comprometerá seriamente a atmosfera; os elementos minerais nobres estão em vias de exaustão; a transformação de florestas naturais em terras de pastagens ou de uniculturas industrializadas, ou a derrubada de matas para obtenção de celulose, são fábricas de desertos; a energia nuclear, mesmo aproveitada para fins pacíficos como se anuncia, constitui um perigo latente que a nossa imaginação, mesmo habituada com muita "science fiction" nem consegue alcançar.

O curioso é que a sociedade em que vivemos assiste impassível e indiferente à sua autodestruição, como se esses graves males não existissem, tão prioritárias são as necessidades imediatistas de tomada do poder político da manutenção e estímulo do consumismo e da sua pseudopreservação através dos preconceitos — tudo aquilo, enfim, que ela colocou como alicerce da sua estrutura e que na verdade será a primeira coisa a reunir quando a catástrofe deixar de ser apenas uma evidência apontada por alguns visionários, para tornar-se uma realidade terrível e sem caminho de volta.

Se a mim cabe o direito de me colocar entre esses visionários apontando as destruições, justo que também, como eles, proponha as possíveis soluções. Particularizando a relação homossexualismo-ecologia, tentarei ser otimista acreditando primeiramente que a humanidade subsista até um mundo futuro. E nesse mundo futuro o ser humano estará tão conscientizado da necessidade de preservação dos seus meios de subsistência que os próprios governos incentivarão o homossexualismo como uma forma de possível contenção demográfica. Atualmente na Índia o governo oferece rádios e outros objetos de consumo aos homens e mulheres que se deixem esterelizar, pela necessidade de contenção populacional. Por um processo lógico de pensamento, conclui-se que a sociedade futura se obrigará a um rigoroso planejamento familiar, com severas punições para os infratores. E basta também um pouco de perspicácia para adivinhar as duas categorias de infratores sexuais: a) criminosos primários, isto é, comprovadamente heterossexuais que por descuido ou displicência ultrapassem a sua quota de procriação; b) criminosos de grande periculosidade que sendo homossexuais porém "enrustidos" (eles adoram ter filhos), terão burlado a sociedade fazendo-se passar pelo que não são, esbanjando dessa forma as quotas reservadas aos heteros.

Darcy Penteado

Bixórdia

Gasparino e a glória

Gasparino Damata declara, glorioso, ter "pelo menos 40 anos de bixórdia e jornalismo militantes". Em 1952, quando correspondente no Rio da **Revista do Globo**, de Porto Alegre (na época um dos mais importantes seminários nacionais, dirigido por Justino Martins), conseguiu, como ele mesmo diz, "emplacar a primeira matéria sobre homossexualismo prublicada em revista ilustrada no Brasil". Foi uma reportagem com texto e fotos sobre o baile de gala do João Caetano daquele distante 1952. O ponto alto da matéria eram as fotos do concurso de fantasias. Pela primeira vez também registrava-se na chamada grande imprensa um acontecimento guei sem achincalhe à classe. Na realidade, lembra Gasparino, a coisa não foi séria, no sentido solene e chato do termo, porque as bichas concorrentes do júri, o lendário artista plástico Sansão Castello Branco, foi acusado de "parcialidade", dando o primeiro lugar para dois concorrentes, "Iemanjá, Deusa Verde" e Ziegfield Follies". Os outros dois membros do júri eram Tônia Carreiro e o cenógrafo e figurinista Nilson Penna.

No famoso cemitério Pére Lachaise, em Paris, encontram-se sepultados os grandes vultos das artes, entre os quais Proust e Oscar Wilde. Sobre o túmulo de Wilde foi colocada uma estátua de homem que lembra um Ícaro asteca. Evidentemente, o pobre Ícaro fois castrado: levaram embora seu delicado membro. Como se isso não bastasse, o pessoal andou deixando endereço e telefone na tumba de Wilde. Comentário de Paulo Francis: os homossexuais são as últimas pessoas sexualmente sérias da nossa época; trabalham full-time, quer dizer, em regime de tempo integral.

Uma das pessoas mais in de Brasília — é tão *chic* que faz questão de dizer, quando apresentada a alguém, que não está cotada para nenhum Ministério —, Nini Vanderbilt circulou recentemente pelo Rio. Na sua *mala* Gucci, naturalmente —, um enorme santo barroco que ela trouxe para restaurar, e que aqui ficou aos cuidados dos cirurgiões plásticos da Galeria Ypiranga. Nini se manteve incógnita; mesmo assim, causou verdadeiro *frisson*, numa tarde calorenta da Cinelândia, ao se abanar freneticamente numa mesa do Amarelinho, por trás de enormes óculos escuros, com seu famoso leque de notas de quinhentos Cruzeiros.

Acabamos de receber pela mala direta esta mensagem do além para a artistaAracŷpeipe. "Zin fia, si sunsê num si prutá direito com quem lhi grosta i cumeçá a fralá dus seus amrigos pruquê eles num são vraquinha di prusépio de sunsê, vô tê qui lhi brutá uma mironga tremendona. Ontão sunsê num acredita em libredade de ixpressão? Ou trodo seu papo é frurado, da bruca pra frora? Toma cuidado sinão os home da incruza pega sunsê. "Assinado: Caboclo Sete Flechas (Ribeiro)

Calígula foi o mais levadinho dos doze Césares. Conta Plutarco que, depois de ter gasto todo o seu potencial de interesse nos humanos, o imperador voltou-se para os bichos, caindo de amores por Incitatus, um cavalo que chegou a nomear para o Senado de Roma. Quando o animal já estava com o futuro garantido, com FGTS e tudo, Calígula resolveu mandar buscar uma mosca azul, daquelas bem virulentas, que só dão no Oriente. O que nem Plutarco nem nós entendemos é como Calígula se contentou com o inseto depois do eqüino.

Do mesmo — e mítico — Sansão Castello Branco citado aqui por Gasparino Damata em outra nota, há, por sinal, histórias interessantíssimas, dignas de sua majestática posição na História da bichice aborígene. Uma delas reza que certa vez, na Cinelândia dos anos 50, o crítico de dança Jacques Courseille queixava-se a Sansão que o cenógrafo e tapeceiro Nilson Penna (outra figura de densidade histórica incontestável) lhe havia tomado alguém, instantes antes, sob pretexto de levar a pessoa "para lanchar". Batendo os pés no chão, irritadíssimo, Sansão pontificou, dirigindo-se ao queixoso Courseille: "Ô bicha burra! A senhora entrega a jóia na mão do ladrão e ainda quer reclamar?."

Nome de Guerra ←Um dos aspectos do homossexualismo que ainda não foi estudado devidamente é o do nome de guerra. Uma das primeiras providências de toda bicha "assumida" é adotar um nome suposto com o qual passa a se comunicar com seu grupo. As décadas de 50 e 60 no Brasil são sem dúvida as pioneiras dessa forma de abertura e dariam um catálogo colossal de nomes incríveis, bem reveladores das pessoas que os escolhiam. Ivaná, Marocas, Trágica são antológicos. Mas têm outros, como o quilométrico Hêveca Carputa Mataruta Andreata Von Kapf, falso do princípio ao fim, mas mesmo assim o retrato fiel da pessoa que o usava. Isso no Rio. De Porto Alegre nos chegou uma coleção de nomes inventados nessa época que talvez sejam ainda mais inspirados: Dóti do Pito Aceso, Loba Solitária, Morte, China Gorda, Fétida, Torre de Pisa e Thaís. Thaís é lendária. Dizem que escolheu esse nome da ópera de Massenet aos três anos de idade e que a partir de então não permitia que ninguém lhe chamasse de outra maneira. "Sou Thaís", berrava a precoce, "com trema, com trema!" Francamente, tal fanatismo não merece um estudo em profundidade?

Escolha seu nome, II

Sempre com a intenção de enriquecer a língua e de dar um sentido mais amplo "às palavras da tribo", como queria o poeta Mallarmé, leitores de todos os quadrantes enviam-nos as novas palavras inventadas pelo povo e colocadas em circulação para elogiar, incentivar ou instigar o bicharoco (taí um bom coletivo para bicha). Aqui estão elas:

— **Bichoquete** — bichinha da moda, que usa soquete e sandália de plástico.

— **Bichanhaca** — bicha com CC, tout court.

— **Bichoteca** — bichona de discoteca.

— **Bichonha** — bicha má, que segrega peçonha.

— **Bichão** — bicha "valet de Chambre" de sapatão.

— **Bicubo** — bicha ao cubo (não confundir com tricha), dessas bem serelepes e fagueiras, que já de manhãzinha estão fazendo compras no supermercado para que nada falte em seu ninho de amor.

TENDÊNCIAS

o livro

"Mulheres da vida"

Dez mulheres-poetas, coerentes numa unidade de vida e obra, prática e teoria integradas na luta contra preconceitos e alienações, preocupadas com a realidade concreta, atual, e cada uma a seu modo, denunciando erros, pressões, misérias, violências, resistindo (lhes), através da ação conjunta de seus trabalhos e seus caminhos. Elas e suas poesias se jogando nos bares, nas calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios, casas, bordéis: onde houver vida lá estão, mulheres-poetas mergulhando fundo em cada experiência presente. Algumas, das dez, estão no LAMPIÃO da Esquina, ou estiveram, ou estarão. E, eis que: "(...) Sentimos muito, mas não nos motivamos editorialmente, após o exame da antologia, cujos originais nos submeteu à apreciação. **Mulheres da Vida**, infelizmente, é **irrecuperável**. Com exceção de dois ou três poemas, a seleção nos pareceu abaixo da crítica, reunindo sem qualquer critério trabalhos que oscilam entre o desabafo existencial e os gratuitos jogos de palavras e de imagens, insuficientes, tanto como documento humano ou como poesia. Devolvendo-lhe os originais, atenciosamente..." Esta foi a resposta de uma editora à organizadora da antologia, a escritora Leila Míccolis, colaboradora de LAMPIÃO. Meia dúzia de linhas que, convenhamos, arrefecem como ventos siberianos e aquecem como paredões caribeanos. Devemos temer o futuro?

Em São Paulo, já aconteceu o lançamento, na quadra da escola de samba Vai-Vai; no Rio, será no dia 18 de dezembro, em Ipanema, na corajosa Muro (Rua Visconde de Pirajá, 82, sub-solo). A Editora Vertente, aceitando o desafio, com Leila, e mais Ana Pedreira de Castro, Eunice Arruda, Glória Perez, Isabel Câmara, Many Tabacinik, Maria Amélia Mello, Norma Bengell, Reca Polleti e Socorro Trindad. Todos estamos convidados. Iremos!

Mulheres da Vida é um novo e indispensável livro de cabeceira: poesia antiista, difícil nestes tempos. Mulheres-poetas, fazendo poesia sexuada, plurissexuada, multissexuada, unissexuada. Poesia que é Poesia, que recusa ceder à pornografia, que recusa o jogo do sistema, que recusa alternativas só aparentemente democráticas, que recusa ser marginal ou de gueto. Vida. Poesia, profundamente erótica. Com diversas significações: para que escolhamos qualquer uma delas, ou fiquemos com todas. Quem duvidar de sua força, que as siga, a estas dez mulheres-poetas, ou fuja delas, chauvinista e civilizadamente...

Que se saiba, esta á a primeira coletânea brasileira de mulheres-poetas assumindo, literariamente, também sua coordenada homossexual. **Mulheres da Vida**, estas dez jamais entrarão nas academias, felizmente, porque são irrecuperáveis. Um acontecimento, literário e não só, na história dos que se libertam por suas próprias mãos, **Mulheres da Vida** deve ser lido com caráter de urgência, ates que...

João Carneiro

Hysteria "in concert"

*Esta roliça senhora da foto chama-se Hysteria. Ela é uma as mil feices de Patrício Bisso e, temperamental e digna do nome que ostenta, ganha destaque no **show** em que o nosso ilustrador vem se apresentando todas as noites, no palco do Auditório Augusta, em São Paulo. Sim, porque o argentino Bisso, 21 anos, além de ilustrador de primeiríssimo time, é também um **one-man-show** dos mais requintados. A fina ironia do seu traço (olhem só o selo que abre esta seção), transposta para o palco, justifica inteiramente o elogio que lhe fez José Márcio Penido (vide LAMPIÃO n.º 4): "Patrício Bisso é no teatro o que o Coutinho queria que seus jogadores fossem em campo. Joga em várias posições, não se estrepa em nenhuma delas e brilha em diversas". O **show** de Patrício Bisso é imperdível, como diz (outra vez) José Márcio Penido: "É uma coisa tão sem igual, tão maluca, tão engraçada, que qualquer descrição resulta babaca, inútil".*

*****

o disco

Feito só para dançar

Falar sobre discos de som discotheque não é muito fácil.

Normalmente todos seguem a mesma linha, com variações no uso de instrumentos eletrônicos, e obviamente nas letras das canções. Pelo menos se espera que o disco seja de um ritmo que convide a dançar, caso contrário está fadado a ficar no esquecimento.

O discotecário Amandio, que já foi do Sótão, **atualmente, na Boate Regine's tem dois discos na praça sob sua responsabilidade. O primeiro foi lançado há mais ou menos seis meses com o título de** Sótão Discotheque. **Nota-se neste trabalho a união de bons sucessos escolhidos por Amandio, entre eles Disco Energy, Soul Sister e Beatles Disco — Café Creme. O entudiasmo deste bom disco foi o passo para um segundo. Está aí seu novo LP:** Amandio Disco Experience **da Emi/Odeon (responsável, também, pelo primeiro disco). Infelizmente o conteúdo deste segundo disco, de Amandio, caiu assustadoramente. O que podemos ouvir são várias músicas sem a mínima condição de estarem juntas. A começar pelo Copacabana, com Barry Manilow (atualmente já torna cansativo ouvir ou dançar está música, que conseguiu vencer à base da promoção em massa). As demais músicas são inexpressivas, salvo Let Them Dance, com D. C. La Rue. Parece que neste disco Amandio esqueceu o belo trabalho que fez no seu primeiro Lp.**

Adão Acosta

o filme

O delírio que faltava

Como tanta gente séria, Walter Lima Júnior (Menino de Engenho, Brasil Ano 2000) é meio avesso a entrevista. Com Lampião, pelo menos, ele não foi possível, agora que estamos vendo A Lira do Delírio: o quase entrevistado, há testemunhas, deixou o local do entrevero 15 minutos antes da hora marcada.

A explicação para o pudor do cineasta estará provavelmente no caráter profundamente pessoal do filme, que tira grande parte de seu encanto vivíssimo de uma intensa entrega criativa. Seja como for, seu depoimento reproduzido pela distribuidora e transcrito abaixo é uma bela "explicação de motivos" para uma filme surpreendente; e tanto mais interessante por descrever também as condições concretas em que o bloco carnavalesco Lira do Delírio, de Niterói, virou filme.

Trazendo o estandarte e iluminando a pista vem Anecy Rocha. Este ano ja não seria o mesmo sem Fernanda Montenegro em Tudo Bem, sem Isabel Ribeiro em A Queda. Agora temos, além de dois estupendos desempenhos de atrizes, uma espantosa criação visceral.

Na Lira, Anecy é Ness Elliot, o que pode nos dar duas pistas. Uma sobre a pronúncia certa de seu nome: é só dizer Ness Elliot bem cariocamente, ou baianamente. Outra sobre o clima de fantasia Hollywoodiana que se mistura ao delírio dionisíaco do carnaval. Inclusive no que têm de violência, os quiproquós de filme mistério se transferem de repente para a Lapa. O encantamento dos quatro dias ameaça quebrar-se para Ness, que volta a perder seu corpo para os outros como taxi-girl. Mas A Lira do Delírio parece protestar exatamente contra isso, sustentando até o fim o desafio (afinal de contas raro no cinema) da inventividade feericamente livre e pessoal até as últimas conseqüências. Abaixo, o depoimento do seu diretor, Walter Lima Júnior (Clóvis Marques)

"A idéia era fazer um filme musical a partir de canções de carnaval, acho que era assim, uma idéia lítero-musical. E teria sido desta forma se o carnaval daquele ano não nos envolvesse tanto. E assim nos perdemos na festa e quando a gente se perde no carnaval vale dizer que o descobrimos. As máscaras caem, as fantasias se rasgam, a realidade e o sonho se misturam. A liberdade se inaugura. No Carnaval, o consciente é inconsciente. É a subversão psíquica onde a catarse vence. Mas havia o projeto do filme — o sonho dentro do sonho real — e era preciso levar avante. Poucos dias depois das filmagens em Niterói a idéia já era bem outra: o carnaval me surpreendera de tal forma que o que consegui filmar em cinco horas de copião tinha 60% de cenas de violência e isto não era o que eu acreditava como base para um musical. Mas afinal eu conseguira registrar a minha visão do carnaval e era duro reconhecer isso, por isso gastei muito tempo para aceitar a idéia de um outro filme. Mas que filme?

"Há uma frase de Jean Cocteau que diz: 'O cinema é a única arte que capta a morte **(e a vida)** em seu trabalho diário' ; e esta frase me criava a idéia de fazer um filme que levasse anos para ser feito, acompanhando aquelas pessoas e deixando que o tempo corresse sobre elas. Eu fora a Niterói com a ideologia de um Meliés, ou seja, querendo forçar a **minha** posição de câmera; o meu ponto de vista, e o resultado se aproximava da posição de um Lumiére, onde o registro documental prevalece sobre o onírico: houve uma greve na saída da fábrica e surgiu o herói. Deu-se o imprevisto e graças a ele o filme começou a viver. Um filme, como qualquer obra de arte, exige o risco absoluto. É preciso navegar para conhecer. De resto foi o que fiz nos anos que se seguiram. E enquanto navegava, aprendia a comandar o barco e a determinar o rumo. Os bons e os maus ventos me trouxeram ao porto do delírio, onde bebi o fel e o mel alternados ou misturados e senti o travo da ressaca.

"Creio que cada filme tem a sua forma correta de realização. Nem mais nem menos. Isto criou uma enorme responsabilidade, e até que pudesse ter certeza do resultado final, resolvi aprender a fazer o meu filme. Comecei a tarefa fazendo documentários para o cinema, depois para a televisão e até chegar ao primeiro plano da fase final da **Lira** havia rodado 50 documentários e três anos e meio haviam decorrido. Afinal: Lumiére e Meliés se combinariam. Lumiére era o som direto, arma poderosa do meu aprendizado e Meiliés, o cinema da invenção, poético e criativo.

"A crise do cinema de autor é o confronto com a vida. E a vida compreendeu nossa vontade e nossa esperança se deixou filmar".

As intenções de "Mr. Goodbar"

Na década de 60, o velho Marcuse apregoava a erotização total da personalidade humana, partindo da teoria freudiana da "perversão polimorfa" dos bebês, que sabem tirar prazer de todas as partes do corpo. Neste final da dácada de 70, tem-se a impressão que esse problema estaria superado: os mídia teriam erotizado tudo, na medida que nunca se falou tanto em sexo como hoje em dia. Aparentemente, seria portanto o momento de conter excessos. Já o próprio Freud dizia que se os impulsos sexuais não fossem reprimidos de forma canalizada, não haveria organização social ou civilização possíveis. Na verdade, nossas sociedades regem-se exatamente dentro desse princípio: o desenvolvimento social é tanto menor quanto mais livremente fluir a libido dos indivíduos; ou seja, o processo de repressão a sexualidade fornece um surplus de energia socialmente muito importante.

Daí porque a permissividade dos anos 70 é de fato forma de reforço à repressão: os limites recuam para, logo adiante, serem restabelecidos com mais firmeza: permitem-se **estas** coisas para confirmar que **aquelas** coisas continuam proibidas. Hoje, botões de computadores programam os costumes "avançados", para cóntrolar o que e como devemos fazer.

Vi **A procura de Mr. Goodbar**. Achei o filme tão gritantemente indecente que me imaginei paranóico, acusado de ver problemasque não existiam. A alternaltiva seria, naturalmente, esquecer minha pertubação e achar o filme apenas lindo (coisa, aliás, fácil de achar). Mas como vivo num tempo onde a realidade superou as fantasias parânoicas (quantos serviços secretos espionam a população brasielira?) preferi não negar: **eu ficara realmente irritado com o filme.** E com toda a razão.

Antes de tudo, **Mr. Goodbar** me parece mais um eco da campanha de moralização que assola os Estados Unidos. Como vivemos na era das multinacionas, é certo que não se trata apenas de um problema local: as loucuras começam na matriz americana e em seguida tomam conta do mundo. Portanto, é melhor não se fazer de avestruz. Após uma década de luta aberta, os homossexuais estão sofrendo perseguição em massa, nos USA, e Anita Bryant multiplicou-se fulminantemente. Já se fez até um filme **(A different story)** onde uma lésbica linda conhece uma bicha linda numa boate, e ambos acabam se apaixonando; desiludidos de seus amores passados, vão formar um casal hetero muito feliz e enquadrado. Que lindo par!, diriam as mamãs aliviadas.

Seria tudo isso mera coincidência, ou o refluxo da aparente onda de liberação sexual que permeou a última década? Certamente, **Mr. Goodbar** não é mera coincidência. O filme faz parte desse refluxo, sabe das coisas e pode ser tudo, menos ingênuo. Suas fórmulas e signos foram aprendidos e retirados da "era progressista", utilizando o feminismo para fazer uma releitura crítica dessa mesma era. O enredo, aliás, mostra situações que conseguem fugir parcialmente do lugar-comum graças à inventividade do tripé roteiro-direção-atriz: a sublime interpretação de Diane Kenton, sobretudo, arrebenta as articulações mecanicistas de seu personagem imprimindo-lhe tons de ambiguidade que enriquecem a personalidade "primitiva" de Thereza Dunn e impõem ao drama uma perspectiva de análise. Thereza é uma "peversa polimorfa" deliciosamente sensível, cristalina e generosa que se torna quase arrivista na sua disposição de buscar uma liberdade que lhe parece legítima e devida. Daí, resolve com tranqüilidade a "chocante" dicotomia de ser professora de crianças durante o dia e, durante a noite, perseguir incessantemente o difícil orgasmo. A publicidade do filme conta com esse "escândalo", contrapondo o valor social/retidão do trabalho ao individualismo/desregramento da libido. Mas Thereza age livremente, sabendo que tem direito ao prazer exatamente como tem direito ao trabalho. Trata-se, sem dúvida, de uma personagem da era feminista. Ao enfrentar a opressão masculina, ela afirma com decisão: "Não sou de ninguém, eu me pertenço." Nesse sentido, o filme assume momentaneamente uma postura contra a repressão à mulher: Thereza luta para não ser esmagada pelo mundo do amante predileto, dos amantes ocasionais, do pretenso namorado, do pai. E parece jamais curar-se da amargura do primeiro amor, onde servia de mero objeto sexual. Assim mesmo, consegue livrar-se dos sentimentos de culpa que a rodeiam e busca afirmar-se no agressivo universo dos machos.

Aliás, existem referências diretas ao movimento feminista: pode-se vislumbrar pela TV uma passeata de mulheres, enquanto o locutor assinala o final de mais um ano: "1975 já acabou; cinco anos atrás, 10.000 mulheres desfilavam pelas ruas exigindo legalização do aborto, igualmente de oportunidade no trabalho e liberdade sexual: esta deveria ser a década das mulheres". **Teria sido esta, realmente, a década das mulheres?** É nesse ponto que se pode puxar o fio **crítico do filme. Assim: se não inteiramente desobstruído, o aborto tornou-se um fato mais corriqueiro (a irmã o pratica duas vezes e Thereza chega a procurar um médico para esterelizar-se);** quanto ao trabalho, Thereza parece inteiramente satisfeita com ele; sexualmente, o filme dá a entender que a mulher tem muito mais chances de realização. Quer dizer, as reivindicações feministas foram conseguidas, do ponto de vista do filme. E onde desembocou tudo isso? Na devassidão, dirá o roteirista. A verdade é que o filme utiliza premissas "progressistas" para obter, paulatinamente, uma inversão de valores que chegará à condenação violenta, no assassinato final. Aliás, a frase do pai poderia ser o refrão fatalista do filho: "Você vai se dar mal, sozinha". A partir do momento em que Thereza deixa a família, instala-se um permanente clima de perigo no ar, criando muitas vezes alarmes falsos (p. ex., o "ataque" a canivete de Tony contra Thereza). A ameaça de punição vai sendo jogada em pitadas circunstanciais, ao longo do filme: as crianças se revoltam com a ausência da professora "devassa"; o pai adoece enquanto Thereza está na farra; o auto-retrato de Thereza num esgar mortal atravessa o filme antevendo a maldição. É no final, entretanto, que o roteiro recolhe os laços e dá o nó, exatamente ao colocar em cena um personagem apenas sugerido anteriormente: a bicha, apresentada naturalmente como doente mental e recalcado. Os dois amantes homossexuais alinham-se dentro de estereótipos antigos; o jovem másculo é o macho do casal: bate, arrebenta, grita ("Eu não sou viado, nunca fui passivo"); e o outro faz o papel da fêmea: chora, implora, sofre e é abandonado. O diretor Brooks usa exatamente a bicha-macho como instrumento da ira divina para castigar Thereza. Quer dizer, o amante machão e perigoso é poupado do crime final e substituído por um outro "rebento" da onda de liberação sexual. A bicha se torna o agressor (forma de **autopunição** criada pelo desespero): sodomiza Thereza com violência ("Malditas mulheres", grita ele), enquanto a estrangula com seu próprio sutiã; depois, vira-a de frente e a possui para provar que é macho, ao mesmo tempo que a esfaqueia. Como se esses ingredientes sádicos não bastassem, a cena é apresentada em clima de grande espetáculo: filmou-se a punição sob o azul berrante da mesma luz estroboscópica das boates. Confesso que jamais vi no cinema uma demonstração de crueldade tão calculada, visando um efeito de intolerável repugnância, de verdadeira intimidação.

Acho não só viável como fundamental analisar-se os sonhos revolucionários desta última década. Mas não concordo com a análise de Brooks. Ele parece colocar num ringue, frente a frente, dois desgraçados "típicos" que os movimentos feminista e homossexual em vão tentaram libertar. Sua releitura desses movimentos parece apontar para um final melancólico: a busca de liberação resultou num beco-sem-saída. No caso, Thereza torna-se decadente, negligenciando seu trabalho e a própria moradia (onde as baratas proliferam, a luz não funciona). Mais do que isso, porém, a liberação sexual gerou desregramento e acelerou um processo de **autodestruição**. O filme dá um alerta: convém voltar atrás com urgência. Sua postura conformista parece mais do que evidente, ao sugerir que liberdade demais é perigosa. Não era isso mesmo que nossos avós **diziam: "Cuidado, Deus castiga o pecado?"** À liberação da libido contrapõe-se maniqueisticamente a necessidade da repressão, deixando que a culpa se instale soberana. O mais grave, porém, é que todo o aparato de intimidação montado pelo filme não consegue esconder seu tom oportunista: condena-se o excesso de liberdade mas faz-se uso dele como parte do próprio espetáculo. Com isso, **Mr. Goodbar** enquadra-se perfeitamente na moda dos filmes "avançados"; está repleto de palavrões e piadas com sexo (o amante xinga: "Vai beijar minha bunda"; Thereza replica: "É o que acabei de fazer"); apresenta uma generosa amostragem da sexualidade permissiva, indo desde masturbações até orgias com filminhos pornô; e mostra uma coisa que, se não me engano, nenhum filme do seu gênero ainda mostrara: o close de uma bunda **nua (evidentemente feminina) sendo longamente acariciada e beijada. Subversão dos costumes? Não, trata-se de oportunismo legítimo.**

Já me disseram que afinal o filme foi baseado em fatos reais, que o diretor e roteirista não inventaram nada, e que portanto o filme é inatacável. Mas eu acho que, uma vez apreendidos e representados mesmo enquanto objetivos, os fatos sofrem interpretações, por mais reais que tenham sido. Assim, escreveram-se dois romances diferentes sobre esse mesmo caso — **De bar em bar,** de Judith Rossner (onde o filme se baseou) e **Hora de fechar,** de Lacey Fosburgh. Assim também, o filme preferiu transferir a ação de Nova Iorque para San Francisco — sintomaticamente, para o berço dos beatniks, dos hippies, da contra-cultura e meca do homossexualismo americano. Inegavelmente, a escolha e o tratamento de um tema determinado eevidenciam uma postura (consciente ou não) perante o real. Por exemplo: **mulheres insatisfeitas são assassinadas por bichas neuróticas.** Não é isso o que se diz todos os dias: que as mulheres são insaciáveis e as bichas sofrem de neuroses? Isso não significa também a perpetuação do estereótipo de que **bicha odeia mulher** ou de que **homem vira bicha porque não consegue trepar com mulher?** Não estou negando que esses personagens não existam. Afirmo apenas que, para além dos estereótipos preconceituosos, existem seres humanos lutando para se afirmar enquanto indivíduos, e isso é o que realmente interessa.

De resto, o que mais me perturba é constatar
como a crítica e o público embarcam na onda, perdem o senso crítico e vêem em **Mr. Goodbar** simplesmente mais um clássico da tragédia, frustração, solidão humana, etc. Poucos aludem, por ex., ao interesse que o sistema tem em veicular esse tipo de dissuasão e repressão. É isso aí: enquanto nas telas, bichas neuróticas esfaqueiam espetacularmente pobres mulheres sonhadoras na vida real jornalistas são punidos pela Justiça por falarem dos homossexuais sem tachá-los de tarados e criminosos. Não é mesmo engraçado? A propósito, Viva a Civilização — ou talvez, a Sifilização que todos os desejos reprimidos conseguiram produzir nestes séculos de história humana! Música de fundo: a Marcha Nupcial.

João Silvério Trevisan

CARTAS NA MESA

Uma questão de linguagem

Caros amigos, no momento estou tentando resolver um problema, e creio que vocês poderiam me ajudar e muito. Sou estudante e estou cursando o 1º ano de letras da Fundação Santo André. Como se pode prever, este curso transmite conhecimentos fundamentais a respeito das línguas e dos fenômenos que elas contem. Partindo daí, foi-nos dada como tarefa uma pesquisa a respeito das gírias que fazem parte da vida cotidiana de um grupo social. A escolha deste grupo ficou a critério dos alunos, e eu resolvi que iria fazer um estudo da gíria usada entre os homossexuais. Para isso, comprei o nº 5 do LAMPIÃO da Esquina, publicado por vocês, com o propósito de encontrar palavras que servissem ao meu interesse.

Acontece, porém, que não tendo eu nenhum amigo gay que me orientasse, se tornou difícil para mim as palavras usadas nas reportagens do jornal. Aí então me surgiu a idéia de escrever para vocês, na certeza de obter dados mais profundos para minha pesquisa. Seria apenas uma relação de vocábulos e expressões utilizadas pelos gays, que estabelecem a comunicação entre eles, seguidas do significado que teriam para nós, leigos que somos neste campo.

P.S. — Gostaria de pedir ainda mais um favor —. vocês mencionaram no jornal algo a respeito do "Dicionário de Mestra Mambaba". Eu poderia encontrá-lo facilmente em algum lugar? Onde? Grata,

Sueli Almeida — São Paulo, capital.

R. — *Olha, Sueli, se você quer fazer uma pesquisa pra valer, procure frequentar os bares gueis aí de São Paulo e travar conhecimento com o pessoal. É todo mundo muito simpático e receptivo. Dê uma passada pelos bares do Largo do Arouche. Vá ao Medieval, ao Gay Club, ao Homo Sapiens, ao "divine" Dinossaurus. Entre no fliperama que fica na Ipiranga, perto da esquina de São João. Pode fazê-lo sem temor porque o pessoal, ao contrário do que se diz, é muito respeitador. E converse muito; seja sincera, diga que está fazendo uma pesquisa, ninguém se assusta com isso. Você vai fazer uma excelente trabalho, temos certeza. E depois, não esqueça de mandar uma cópia de sua pesquisa pra gente, OK? Quem sabe, se for boa, LAMPIÃO até publica. Quanto às palavras que você citou em sua carta, todas retiradas do nosso jornal, a gente vai mandar o significado pra você. Ah, sim: Rafaela Mambaba é uma entidade mítica que periodicamente baixa em alguém aqui da redação - qualquer um, ela não tem preferência. É uma bicha que, nas várias encarnações pelas quais já passou, foi sempre perigosíssima, assustadora. O Dicionário dela é um livro que nunca foi escrito, não é preciso; ele só contém palavras que as pessoas gostariam de esquecer, mas acontece que Mambaba vive a sussurrá-las constantemente em seus ouvidos. Não queira saber que pestinha ela é...*

Outro baiano da Família "Dorô"

Iluminados, antes de mais nada eu preciso ir logo dizendo que sou o "irmão gorila" de Fabíolo Dorô. Estou escrevendo para me defender das acusações que Paulinho (verdadeiro nome dele) me fez. O que acontece é que eu não tenho nada contra as bichas e, pelo contrário, tenho até alguns amigos que jogam no time de vocês. Eu não jogo, mas também não jogo no time das mulheres, dos travestis, dos machões, etc., etc.. Resumindo, estou comigo e não abro (ou abro, a depender daquilo que venha). Portanto, está claro que Paulinho estava me caluniando. Não reparem, são querelas familiares de somenos importância (meu Deus! Agora eu estou escrevendo difícil).

Mudando de assunto: preciso reivindicar o título de "carta do mês" para esta missiva... É que eu vi L.C.A., do Rio, chamar nosso jornal de LUMINOSO. Vou cobrar direitos autorais! Este é um apelido que eu criei para o LAMPIÃO aqui em casa, e Paulinho, eu acho, utilizou em sua primeira carta. Vocês lembram do psicólogo que chamou vocês de JORNALZÃO? Pois o meu apelido é muito mais legal. E agora eu faço questão de ser a cartinha do mês!...

Tenho duas sugestões. A primeira é quanto às entrevistas. Fiquem tranqüilos, não vou dar nenhuma listinha, vocês já têm a de vocês aí. É que não tem nada demais entrevistar gente aí da redação. Só para indicar: João Silvério, Darcy e Aguinaldo. Sem essa de "ética profissional", pois isso é coisa de jornal caquético, subdesenvolvido e sem imaginação.

A outra é pro Aguinaldo: lembra de um artigo que você fez no Livro de Cabeceira do Homem sobre o homossexualismo em geral? Pois o final dava uma visão geral sobre as relações do assunto nas artes e principalmente na literatura. Acho que agora já é tempo de um artigão de umas três páginas em tipo pequeno sobre este tema. Falar em, por exemplo, Frederico Garcia Lorca, André Gide, Oscar Wilde, Marcel Proust, Manuel Puig, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, Tenessee Williams, pra só tocar em alguns próximos. Se for do interesse de vocês, eu posso indicar altas bibliografias, detalhes e fofocas literárias incríveis. Darcy podia fazer o mesmo em relação às artes plásticas e a partir daí virava bola de neve, pegando do cinema, teatro, música e coisa e tal. Acho que já falei tudo. Agora me digam se não era injustiça de Paulinho me chamar de gorila? Lembranças pra todos.

Luís Machado, Salvador, Bahia.

R. — Tá legal, Machado (cruzes!), a sua é a "cartinha do mês". Essa família Dorô deve ser das mais tradicionais, aí na Bahia, não é? Quanto à sugestão, o problema é que tem muita gente para entrevistar, fora do LAMPIÃO. Agora "ética profissional", pelo menos como ela é entendida na grande imprensa, a gente não tem "mesmo"; "ética profissional" é aquela coisa que os jornais trancam numa gaveta quando têm que informar aos seus leitores que o dólar — incrível! — subiu outra vez... Esse time que você citou aí ganhava qualquer tricampeonato do mundo, não é? Para falar deles é preciso muito respeito. Por exemplo: soubemos que os bigodes de Walmir Ayala tremeram durante uma semana, só porque a gente disse que Lorca gostava de vadiar (vide LAMPIÃO nº zero). Como você vê, tem muita gente querendo maquilar seus entes queridos, dar a eles uma aparência que consideram melhor que a verdadeira. Assim...Agora eu acho bom você se cuidar. A Rafaela Mambaba, depois de ler e reler sua carta aqui na redação, proclamou, enigmática: "Esse aí eu quero conhecer pes-soalmente." Ai,ai,ai.

Para falar em Geraldo Vandré

"Queridos redatores. Que arrepio me dá no final do "rücken" (virgem!), ao ver por estas publicações do LAMPIÃO que nosso "meio" se afirma em bases sólidas para uma futura ascensão dentro do contexto social do País. É dignificante saber que não somos mais tão marginalizados como éramos antes (tão desagradável), é muito bom ter o apoio que vocês nos dão através deste maravilhoso conteúdo que o jornal possui. Gostei! Gostei mesmo de sentir que não estamos mais tão enrustidos dentro de uma fachada falsa. Somente a nossa união trará a vitória.

O artigo sobre o Transexualismo (nº 5), que traz o caso de Valdir/Valdirene estava bem colocado, dentro de uma defesa digna, e que podemos afirmar: "a condenação do Dr. Farina é injusta". Cassandra Rios — ela é maravilhosa! Fiquei sensibilizado com a carta de Beatriz Medina, realmente, ela foi ótima falando aquelas coisas incríveis. Também gostei das sugestões que A Bicha Ocupada (upa!), quer dizer, que o Fabiolo Dorô apontou, ele é ou deve ser uma coisa quentíssima.

Uma sugestão: uma entrevista com o Geraldo Vandré, pois o que sei dele são as suas músicas eternas, que sempre ficarão nos mais entendidos corações. Só mais uma coisa, DEIXEM A EMILINHA EM PAZ. Abraços e beijos nas Titias (Obs.: Só peço uma coisa pra vocês, por favor, não publiquem meu endereço).

A.D.R. — Curitiba, Paraná.

Paulista, 23 anos, coisa e tal

Alô, pessoal. Tenho uma grande idéia que fará aumentar mais a vendagem e a divulgação deste vosso jornal. Sabe qual é? É uma seção no estilo classificados, **onde vocês poderão publicar anúncios de leitores, simpatizantes, fanáticos, sedentos, acomodados, tudo numa muito boa. Eu sou tarado por escrever, receber, mandar, trocar correspondência (postais, selos, amizade, etc.). Cês sabem que se fizerem na penúltima página, a página dos leitores, a turma vai participar mais da compra das edições de vocês. Vai ser uma boa! Botem um aviso aí:** "Atenção, colecionadores de postais, selos, filmes, etc., etc., etc.: querem que o Brasil todo lhes escreva? Então mandem pra cá seu anúncio que publicaremos". **Se assim fizerem, podem contar comigo: serei o primeiro da lista.**

João Alberto Dalcomuner — São Paulo, capital.

R. — Taí, João Alberto, uma idéia genial. Estamos lançando nesta página a idéia da seção de classificados. E para exemplificar, publicamos de graça o teu anúncio. Mas é só essa vez, hem? Da próxima você terá que pagar. Outra coisa: a gente se reserva o direito de publicar ou não os anúncios: safanagem não pode. E vai tua foto, como você pediu. Esses bichinhos são o que?

Classificados sem caráter

Atenção, moçada: começamos hoje a publicação dos nossos "Classificados sem caráter". Mas o pessoal do Jornal do Brasil e do Estadão não se preocupe, que não vamos tomar suas clientelas: por exemplo: aqueles anúncios de "casal procura casal", etc., não vamos publicar. Mirem-se no exemplo de João Alberto Dalcomuner, que nos deu a idéia e ganhou por isso um anúncio grátis, abaixo. O preço é Cr$ 3,00 por palavra publicada (o anúncio de Dalcomuner tem 59 palavras: custaria, portanto, Cr$ 177,00. Mandem o texto pronto, junto com cheque ou vale postal em nome da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal 41031, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ.

• PAULISTA, 23 anos (mal vividos), gostando de tudo: música clássica, Beethoven (menos da "Laranja Mecânica"), quer trocar cartas com todos aqueles e aquelas que estejam a fim. Informo também (para quem não tem papo de início) que troco selos, postais, etc... Escreva, que os seus Cr$ 1,80 (tarifa postal) não serão perdidos. João Alberto Dalcomuner, Caixa Postal 1.814 — 01000, São Paulo/SP.

CARTAS NA MESA

Debaixo dos lençóis

"Comecei a leitura de LAMPIÃO pelo n.º 4. Antes tinha ouvido comentários e depois li o jornal na casa de um amigo. Notei que a pequena publicação é grande em quebras de tabus e muito aberta; até mesmo os que vivem escondidos sob os lençóis de preconceito estão lendo o dito cujo. O n.º 5 entendi melhor, vivi mais o clima. Bixórdia é uma loucura. A última entrevista que li da Cassandra Rios foi no "Pasquim", em 1976. Com vocês ela foi diferente, talvez menos ferida. Mas como serão seus novos trabalhos? Será que vai mudar de gênero. A parte de reportagem com "Violação: ato de sexo ou poder?", foi uma boa. Fiz um estudo do assunto. Existe uma causa, um motivo para tudo. Sei que é difícil, mas tentem uma entrevista com a Maria Bethânia. Vai interessar a todos. Digam pras fanzocas da Emilinha que crítica também pode ser construtiva e que a própria Emilinha não sentiu tanto. Vocês devem pensar também na Marlene, porque ela é a intérprete de "Cabaré", de João Bosco, música muito, muito entendida. Abração.

Fábio F. (Rio).

R — Vamos começar por baixo. A sugestão de entrevista com Marlene é uma boa. Sabemos que Emilinha é uma pessoa maravilhosa, doce e compreensiva; o problema mesmo é o fã clube. A Maria Bethânia, Deus nos livre; ela mataria a gente se desconfiasse que se estava pensando coisas dela, né? A Cassandra Rios vai lançar brevemente dois ou três livros que prometem ser tão quentes quanto os anteriores, aguardem. E por fim obrigadinho pelos elogios. Aliás, você já fez a sua assinatura do LAMPIÃO, Fábio B.? Se gostou não pode lê-lo em casa de amigos. Nesse sentido somos tiranos.

Chapeuzinho vermelho

"Achei muito bacana o posicionamento de Aguinaldo Silva em relação às eleições de 15 de novembro. Taí uma atitude lúcida e corajosa que deveria ser seguida por outros. Na falta de um candidato diretamente ligado à causa da minoria homossexual ele optou por um outro, ligado à minoria mais perseguida neste País, os dissidentes políticos. Parabéns pelo bom senso. Não concordo que nós, os homossexuais, constituamos uma classe. Somos pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, com os mais diversos pontos de vista, posições políticas conflitantes e daí para diante. O fato de nossas preferências sexuais serem estas ou aquelas não nos torna uma classe à parte, com interesses próprios e objetivos comuns. Não concordo tampouco com a colocação alarmista e pouco elucidativa dada aos "crimes sexuais". Não acredito em violência gratuita contra os homossexuais, coisa que a matéria deixa clara. Que tal analisarmos a questão pelo prisma social e não passional? Eu me recuso a concordar que exista uma natural animosidade entre "bofe" e "bicha". A problemática continua sendo social, pois vivemos numa sociedade dividida em classes sociais completamente antagônicas e inimigas inconciliáveis, onde uma pequena minoria, proprietária dos meios de produção subjuga a grande maioria assalariada, desprovida de qualquer recurso. O mal dessas bichas é serem "ricas" e irem atrás de "pés-de-chinelo", termo muito usado pelos articulistas do LAMPIÃO. Do desnível social brusco das partes envolvidas boa coisa não pode sair. A contradição é gritante e a reação dessa mistura **pode** ser violenta. Resumindo, os crimes chamados sexuais pela reportagem do LAMPA 6, tem muito pouco de sexual e muito de social. A reportagem sobre o "Esquadrão Hortelã" é para rir ou para chorar? Aliás, eu acho pouco salutar a ênfase do jornaleco" "entendido" nas matérias saguinárias e violentas. Vocês combatem o "Notícias Populares" mas estão fazendo a mesma coisa. Se torcer o jornalzinho, pinga sangue. A reportagem sobre o fanático-medieval-elitista-diretista Yukio Mishima dá até medo de ler, tamanha a insanidade. Meu Deus, o que está havendo com o jornalzinho que propunha um pouco de humor? Vocês estão parecendo um bando de doidivanos varridos numa escalada de agressão generalizada. Até parece que vocês não se aceitam como homossexuais. Relax. Take it ease. Assim vocês assustam todo mundo. Vamos ser mais alegres e deixar o recalque para lá.

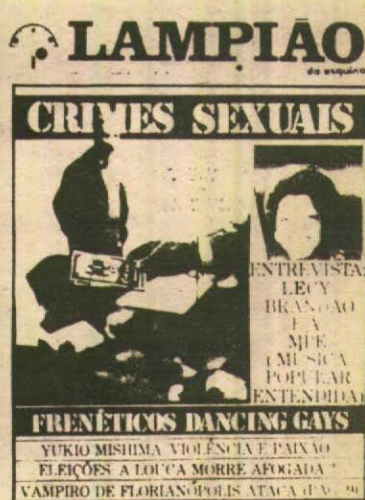
Luiz Carlos Amorim (São Paulo)

Resposta

Taí um bom conselho, Luiz Carlos. Vamos ser mais alegres. Vamos brincar de roda. Vamos brincar de lobo mau e chapeuzinho vermelho. Você é leitor dos romances de M. Delly? Nós também somos. Acontece, porém, que há uma outra realidade, que está aí, na nossa cara, e que nós acreditamos que deve ser mostrada e denunciada. Não temos intenção de agredir ninguém com as nossas matérias, mas também não queremos esconder o sol com uma peneira. Não acreditamos que sejamos uma classe à parte, muito pelo contrário, queremos é sair desse gueto imposto por uma sociedade machista que acha que homossexual deve ser mantido como cidadão de segunda classe, da mesma forma que a mulher, o índio e o negro. Denunciar os crimes contra homossexuais ocorridos dentro de tal contexto não nos torna jornalistas marrons, com as mãos tintas de sangue. A nossa intenção é criar uma nova consciência homossexual em relação ao dia-a-dia que a bicha tem de enfrentar. E isso quer dizer formar uma consciência social. Nada mais bem intencionado e civilizado, não acha?

O que se lê em Minas Gerais

Caro Aguinaldo, seu artigo sobre "estupro" foi um dos melhores que já lemos no assunto. Daí lembrei do nosso **Liberação da Mulher: Ano Zero,** *que tem um artigo sobre este tema. Achamos que poderia interessar a você. Aproveitamos esta oportunidade para informar de um próximo lançamento nosso: a sair daqui a uns dois meses* — ***Relatório sobre a homossexualidade do homem/M. Bon & A. d'Arc*** *—, uma extensa pesquisa deste assunto tão pouco abordado com intenções mais sérias. Assim que sair a gente envia um exemplar para a turma do LAMPIÃO. Aliás, se achar que merecemos um "toque na Liberação da Mulher... é sempre uma força. Um abraço. Rachel Kopit (Interlivros de Minas Gerais Ltda.).*

*R. — **Querida Rachel: Aguinaldo, do fundo de sua timidez, agradece o elogio. "Liberação da Mulher: Ano Zero", é um livro quentíssimo, e vamos passá-lo a uma das nossas colaboradoras (provavelmente Leila Míccolis), para uma resenha. Quanto ao "Relatório...", vamos dar uma força enorme: mande correndo, que a gente recomenda o livro aos nossos milhares (são milhares mesmo) de leitores, OK?***

O Beijo da Mulher Aranha

Três trechos do romance de Manuel Puig

— Ahhhh...
— Que suspiro!
— Que vida esta, tão difícil...
Que está sentindo, Molina?
— Não sei, tenho medo de tudo, tenho medo de me iludir com essa história de que me vão soltar, tenho medo de que não me soltem... E do que tenho mais medo é de que nos separem e me ponham em outra cela e eu fique aqui para sempre, com sabe lá que otário...
— Melhor não pensar em nada, já que nada depende da gente.
— Olha, nisso eu não estou de acordo, acho que se a gente pensar bem descobre alguma saída, Valentim.
— Que saída?
— Pelo menos... que não nos separem.
— Olha... Para não ficar se maltratando, pense numa coisa: que tudo o que você quer é sair para cuidar de sua mãe. E nada mais. Não pense em mais nada. Porque a saúde dela é o que é mais importante para você, não é verdade?
— Sim...
— Concentre-se nisso, e logo.
— Não, não quero me concentrar nisso... não!
— Eh... O que há?
— Nada...
— Vamos, não fique assim... levante o rosto desse travesseiro...
— Não... Me deixe...
— Mas o que há? Está me escondendo alguma coisa?
— Não, esconder de você não... Mas é que...
— O que? Quando sair daqui, vai estar livre, vai conhecer gente, se quiser pode entrar em algum grupo político.
— Está louco, não confiariam em mim por ser veado.
— Eu posso dizer a quem deve procurar.
— Não, por tudo o que mais queira, nunca, mas nunca, me entende?, me diga nada dos seus companheiros.
— Por quê? Quem imaginaria que você vai procurar por eles?
— Não, podem me interrogar, o que seja, e se eu não sei nada, não posso dizer nada.
— Mas de todo modo, existem muitos grupos de ação política. E se algum convence, você pode aderir, ainda que sejam grupos que não fazem mais do que falar.
— Eu não entendo nada disso...
— E é certo que você não tem amigos de verdade, bons amigos?
— Sim, tenho amigas loucas como eu, para passar o tempo, para rirmos um pouco. Mas quando ficamos dramáticas... fugimos uma da outra. Porque já lhe contei como é, que uma se vê refletida na outra e sai espantada. Ficamos deprimidas iguais a umas cachorras, você nem imagina.
— As coisas podem mudar quando sair daqui.
— Não vão mudar.
— Vamos, não chore... não seja assim... Já quantas vezes vi você chorar? Bom, eu também chorei uma vez... Mas basta, **tche...** Me põe... nervoso, que não chore.
— É que não posso mais... Tenho tanto... azar...
— Já apagam a luz?
— Sim, que é que você pensa? Já são oito e meia. E melhor, assim você não vê a minha cara.
— Passou rápido o tempo com o filme, Molina.
— Esta noite não vou poder dormir.
— Então me escute, que em alguma coisa poderei ajudar. É questão de falar. Antes de tudo tem que pensar em pertencer a um grupo, em não ficar só, isso certamente vai ajudá-lo.
— Mas que grupo? Eu não entendo nada dessas coisas, e creio ainda menos.
— Então agüente.
— Não vamos falar mais...
— Vamos... não seja assim... Molinita.
— Não... lhe peço... não me toque...
— Aqui o seu amigo não lhe pode consolar?
— Me deixa pior...
— Por quê? Vamos, fale, já é hora que confiemos um no outro. De verdade, quero ajudar você, Molinita, me diga o que está acontecendo.
— A única coisa que peço é para morrer. Essa é a única coisa que peço.
— Não diga isso. Pense na tristeza que daria à sua mãe..., e a seus amigos, a mim.
— A você não importaria nada...
— Como não? Vamos, que cara é você...
— Estou muito cansado, Valentin. Estou cansado de sofrer. Você nem sabe, me dói tudo por dentro.
— Onde lhe dói?
— Dentro do peito, na garganta... Por que será que a tristeza se sente sempre aí?
— É verdade.
— E agora você... me cortou a vontade, de chorar. Não posso continuar chorando. E é pior, o nó na garganta, como está me apertando, é uma coisa terrível.
— . . .
— É mesmo, Molina, aí é onde mais se sente a tristeza.
— . . .
— Sente muito forte... lhe aperta muito forte, esse nó?
— Sim.
— . . .
— . . .
— É aqui que lhe dói?
— Sim...
— Não posso acariciar?
— Sim...
— Aqui?
— Sim...
— Lhe faz bem?
— Sim... Me faz bem.
— A mim também me faz bem.
— Verdade?
— Sim... Que descanso...
— Por que descanso, Valentin?
— Porque... Não sei...
— Por quê?
— Deve ser porque não penso em mim...
— Você me faz muito bem...
— Deve ser porque penso que você precisa de mim, e posso fazer alguma coisa por você.
— Valentin... Prá tudo você procura explicação... que louco você é...
— É que não gosto que as coisas me empurrem... quero saber porque elas acontecem.
— Valentin, e eu, posso tocar você?
— Sim...
— Quero tocar... essa meia-lua... um pouco gordinha que você tem em cima desta sobrancelha.
— . . .
— E assim, posso tocar em você?
— . . .
— E assim?
— . . .

***

— Tenho uma curiosidade... você acharia repulsivo me dar um beijo?
— Uhmmm... Deve ter sido de medo que você se transformou em pantera, como aquela do primeiro filme que me contou.
— Eu não sou a mulher pantera.
— É claro, você não é a mulher pantera.
— É muito triste ser mulher pantera, ninguém a pode beijar. Nem nada.
— Você é a mulher aranha, que enreda os homens em sua teia.
— Que lindo! Disso sim, gostei.
— . . .
— Valentin, você e mamãe são as duas pessoas que eu mais quis no mundo.
— E você, vai se recordar bem ou mal de mim?
— Aprendi muito com você, Molinita...
— Está louco, se eu sou um burro...
— E quero que saia contente, e tenha boas recordações de mim, como eu de você.
— E o que foi que você aprendeu comigo?
— É muito difícil de explicar. Porém me fez pensar muito, disso eu lhe asseguro.
— Você tem sempre as mãos quentes, Valentin.
— E você sempre frias.
— Eu lhe prometo uma coisa, Valentin..., que sempre que me recordar de você, será com alegria, como você me ensinou.
— E me prometa outra coisa... que vai fazer com que o respeitem, que não vai permitir que ninguém o trate mal, nem o explore. Porque ninguém tem o direito de explorar ninguém. Me perdoe que lhe repita isso, porque uma vez eu lhe disse e você não gostou.
— . . .
— Molina, me prometa que não vai se deixar enlamear por ninguém.
— Eu prometo.

***

— Molina, que é?, queria me pedir o que pediu hoje?
— O que?
— O beijo.
— Não, era outra coisa.
— Não quer que eu lhe dê agora?
— Sim, se não lhe dá nojo.
— . . .
— . . .

Pássaros da mesma gaiola

"O Beijo da mulher aranha" é o novo livro de Manuel Puig, a ser lançado brevemente no Brasil pela Editora Civilização Brasileira. E trata de um tema que vai dar o que falar: na cela de uma cadeia argentina, o homossexual Molina e o marxista Valentin estabelecem um relacionamento em que a troca de informações garante o entendimento mútuo sobre suas realidades muito específicas.

O livro pode ser encarado como um sintoma da mudança de relações, ainda em início, entre o homossexualismo e a esquerda política, tradicionalmente antipatizados. Talvez seja essa a maneira mais adequada de considerar a obra, isto é, como um reflexo dos primeiros diálogos que já se esboçam mundialmente entre os dois lados.

Se se parte da posição que o livro reflete essa mudança de relações, não há muito o que cobrar a "O beijo da mulher aranha", pois a profusão de pontos criticáveis que ele apresenta corresponde às críticas que vêm sendo dirigidas à aproximação entre esquerdistas e homossexuais, hoje. Um exemplo é a caracterização dos personagens: Molina, o alienado, e Valentin, crítico, consciente, lúcido, participante. Dessa maneira, a liderança das discussões cabe sempre ao marxista, enquanto o homossexual quase nada tem a dizer, exceto narrar seus filmes prediletos para divertir o companheiro de cela.

As discussões de Valentin visam promover a desalienação do outro e é no final do livro que Molina começa a compreender a necessidade de lutar contra a carga de preconceitos que a sociedade fez pesar sobre ele. No decorrer desse processo de discussões, o envolvimento afetivo cresce a ponto de favorecer um ato sexual entre os dois... por iniciativa de Valentin!!!

Estranhamente, neste livro, o argentino Puig (*) poupa qualquer crítica à esquerda, enquanto em The Buenos Aires Affair, por exemplo, chega a comprometer indiretamente a imagem do Partido Comunista ao caracterizar o personagem Leopoldo (membro do PC) como machão insensível, amante sádico e homicida necrófilo. Sinal dos tempos? É o que parece.

Até mesmo a aproximação de Molina a Valentin subentende uma atitude por sua vez discutível, pois não é uma aproximação direta, em que o homossexual se impõe perante o outro. Não. Molina como que se deixa levar pelas idéias de Valentin para facilitar o entendimento entre os dois. E é dessa forma que se comporta a personagem do filme (e também título do livro) "O beijo da mulher aranha": enreda numa teia os homens que fogem de seu aspecto desprezível.

Dessa forma, por todos esses pontos criticáveis, fica claro que Puig não escreveu um livro para dar suas opiniões sobre a aproximação entre homossexuais e marxistas, nem para externar posições sobre a maneira ideal dessa aproximação, nem mesmo para criticar o curso que os entendimentos vêm tomando, em vários países, entre os dois blocos.

Mais adequado seria dizer que o livro mostra a expectativa homossexual de se unir aos que também reivindicam uma sociedade mais justa, mas, contraditoriamente, sempre evitaram discutir o homossexualismo com a boçal alegação de que ele é fruto do capitalismo em decadência e, assim, se livraram de encarar honestamente a realidade, até os dias que correm (Daniel dos Santos)

(*) Manuel Puig nasceu em 1932 em General Villegas, província de Buenos Aires. Em 1951 iniciou estudos na Universidade da capital argentina. Foi morar em Roma, e atualmente vive em Nova York, no exílio, pois está proibido de voltar ao seu país, onde também está proibido "O beijo da mulher aranha". No Brasil já foram publicados três livros desse autor: "Boquitas Pintadas", "A Traição de Rita Hayworth" e "Buenos Aires Affair".